:\OVERCLOCK>

mÚSICA | cYBERCULTURA | cINEMA | hQ | aRTE



#3
(v3.02)



OVERCLOCK ZINE # 3 | OUT/NOV/DEZ . 2007 | OVERCLOCKZINE.BLOGSPOT.COM

:\EDITORIAL>

Foram três anos de hibernação em câmaras criogênicas. Três longos anos em animação suspensa. Mas o :\Overclock> estava longe da morte.

Nestes três anos a carência de veículos impressos de informação voltados ao universo da música industrial e da cultura cyberpunk continuou a mesma. Online e offline o mundo das subculturas contemporâneas continua a efervescer. Overdoses diárias de informação e acontecimentos que não encontram vazão na mídia impressa. A dispersa blogsfera tem o dinamismo necessário para cobrir estes eventos, mas não tem a capacidade de escolher seu alvo. Os blogs não vão aos leitores. Os leitores vão aos blogs. Não se pode prever com precisão quem, ou quando, vai ler a sua postagem online. Mas é possível entregar diretamente em mãos um zine impresso. É essa possibilidade de direcionamento e de escolha do público alvo que justifica a existência de um zine em papel. Distribuição em festas e eventos, em lojas especializadas, circulação de mão em mão. Ainda que lento, o processo de distribuição de um zine impresso é eficaz. E a informação ali contida tem um caráter menos efêmero. Há tempo para ler e assimilar o conteúdo.

E nesta edição são 40 páginas de informação, entrevistas, resenhas e artigos esperando por assimilação. 40 páginas que combinam forma e conteúdo. Inspirado por antigos zines como o saudoso Absolute Control e por iniciativas atuais como o Biolectric Informe dos ativistas recifenses Marcus Asbarr e Mônica Matias, o :\Overclock> conserva o espírito underground e a essência punk do *do-it-yourself* dos zines de décadas passadas e adiciona uma preocupação contemporânea com estética e design. Trazemos até você um zine que tenta informar e impressionar. Uma publicação feita por amadores - no sentido de amar o que fazem - mas que não se intimida frente a periódicos profissionais.

Com uma diversificada pauta, o :\Overclock> #3 traz além de temas relacionados ao universo da subcultura cyberpunk e da música industrial, artigos e resenhas de arte contêmporânea, contos neovitorianos, quadrinhos e rock alternativo. Destaque para o filme The Gene Generation e a entrevista com seu diretor Pearry Reginald Teo. Candidato forte a representar para a subcultura industrial o que O Corvo (The Crown, 1994) representou para os góticos. O filme tem como cartão de visitas os poderosos Combichrist e VNV Nation no comando da trilha sonora.

O :\Overclock> zine é uma empreitada coletiva de mais de uma dezena de colaboradores e de outros tantos apoiadores. Uma cruzada laboriosa e altruísta, mas intensamente recompensadora. Para se juntar a essa cruzada, escreva, colabore, critique, aponte erros, opine, reclame, inquiete-se. Faça o zine circular. Comente. Divulgue. Saia você também de sua câmara criogênica e mergulhe na efervescência das subculturas.

WANDECLAYT M.
http://overclockzine.blogspot.com
http://myspace.com/wandeclayt

OVERCLOCK #3

2 **editorial**
[fim da hibernação]

4 **news: machina festival**
[foco na musica industrial]

6 **ficção**
[QUEIMANDO por adriana amaral]

8 **:\entrevista> deadjump**
[dark electro made in brazil]

10 **ars gratia ars**
[dissecando arte e artistas]

13 **bullets**
[gotas de sabedoria]

14 **:\entrevista> pecadores**
[voodoo industrial e irreverência no palco]

16 **game over**
[game para os órfãos da guerra fria]

17 **live report**
[no palco: harry, vnv nation, euphorbia e pet shop boys]

22 **overdrive**
[guitarras e atitude]

24 **overflow**
[cybercenas e cybersubculturas investigadas]

29 **gotham beggars syndicate**
[psychobilly em quadrinhos]

30 **cinema**
[gene generation]

32 **:\entrevista> pearry reginald teo**
[arauto gótico-industrial atrás das câmeras]

34 **:\entrevista> eneas neto**
[patrono da música eletrônica]

36 **sintetique musique**
[pérolas eletrônicas recomendadas]

39 **reviews**
[cyberfetish photography]

45 **writhe and shine**
[quadrinhos por robert trithardt]



O :\OVERCLOCK> ZINE ESTÁ DISPONÍVEL TAMBÉM EM PDF PARA DOWNLOAD GRATUITO NA LOJA VIRTUAL PASSOS NOTURNOS NO ENDEREÇO HTTP://WWW.PASSOSNOTURNOS.COM E NOS LINKS DISPONIBILIZADOS EM HTTP://OVERCLOCKZINE.BLOGSPOT.COM.


OVERCLOCK ZINE
OVERCLOCKZINE.BLOGSPOT.COM
| musica | cinema | hq | contracultura |
DEEP BREATH | MODEL: GISLAINE .DEVIANTART.COM | PHOTOGRAPHY: WANDECLAYT.DEVIANTART.COM | © WANDECLAYT M. 2005-2007



Machina Festival II

Depois do sucesso alcançado em sua primeira edição, que em 2005 levou para o palco principal da lendária Broadway a dupla belga The Neon Judgement e a cultuada banda santista de rock eletrônico Harry, o Machina Festival está de volta e traz um line up dedicado à música industrial e suas vertentes, como electronic body music, power noise e industrial techno, entre outras.

O Machina Festival II acontecerá no dia 30 de novembro na casa noturna Blue Space, em São Paulo, e traz pela primeira vez ao Brasil o show da banda inglesa Cassandra Complex, uma das mais influentes do cenário eletrônico alternativo mundial desde o início dos anos 80.

Distribuida em duas pistas distintas, a programação especial reúne shows e live PAs, discotecagens especiais e projeção de vídeos raros que mostram a evolução da música industrial nas últimas três décadas, destacando as bandas e projetos referenciais da música industrial do Brasil. Entre eles estão o pioneiro Simbolo, precursor da electronic body music no Brasil, Bad Cock vs Aire´n´Terre, que marca o encontro dos projetos eletrônicos de HansenHarryEBM (vocalista e líder do Harry) e do artista multimídia e produtor musical Wandeclayt (Aire´n´Terre) e o Skulk: [Partition Root], uma das grandes promessas brasileiras do rock industrial, entre outras atrações.

Machina Festival II - Line Up

Pista 1 – Shows com discotecagens intercaladas
Gengivas Negras
Machine Revenge vs Vector Commander
Dead Jump
Simbolo
Cassandra Complex
Bad Cock vs Aire´n´Terre
Mobius Project
Skulk: Partition Root
Homicide Division
DJs – Eneas Neto, Tonyy e Peque

Pista 2 – Somente DJs
Nilsão (Ressurection)
Ivan (Soulshadow)
Marcio Vaez (Substance)
Rodrigo Cyber (Resistance Bear/Ressurection)
Ed Hunter – (Noise Democracy – RJ)
Sintetik (Cybernetic Faces/Danse Macabre Records)
Luizinho EBM
Pherro(69 Fetish for Fun, Electro Fetish Party)
Rogério (Projeto Hysteria)
Wagnão (ex-Zoster)

:\NEWS>MACHINA FESTIVAL II>

Cassandra Complex

Formado em 1980 na Inglaterra, o Cassandra Complex tem como figura central o visionário cantor e produtor Rodney Orpheus, autor de hits como "(In Search of) Penny Century" e "One Millionth Happy Customer", faixas que fizeram parte essencial da história da música eletrônica alternativa dos anos 80, com raízes na música industrial e na electronic body music. Há mais de duas décadas o Cassandra Complex tem sido uma importante referência no cenário electro-gótico-industrial, o que levou a banda a ter algumas de suas faixas remixadas por artistas como Front 242, Borghesia e Apotygma Berzerk.
http://cassandracomplex.co.uk/
http://www.myspace.com/cx2k

Simbolo

Aqui no Brasil, a música eletrônica brasileira tem na figura dos músicos e produtores Martin Neto e Joel Jr. uma de suas expressões mais radicais. Na segunda metade dos anos 80, a produção do Simbolo foi marcada pela união do peso das batidas influenciadas pela música industrial com as experiências com vocoders, sequencers e samplers, registradas nos álbuns Le Sacre du Printemps (1992), In the Danger Zone (1995) e Music From the Masses (1996), todos lançados pela Cri du Chat, o primeiro selo independente dedicado exclusivamente à música eletrônica no Brasil.

www.myspace.com/osimbolo
www.fiberonline.com.br/martin

Gengivas Negras

Formado por Carlos Morevi e Theo, dos projetos Fetalcohol e Mechanotremata, respectivamente, o Gengivas Negras completa este ano 10 anos de experiências sonoras com base na música concreta e industrial. Juntos, reprocessam sons com o uso de pedais de distorção, softwares e samplers, além de utilizarem baterias eletrônicas, geradores de ruído e outras fontes de barulho para formar um espectro particular no universo da sonoridade industrial e da espontaneidade da música noise.

www.fiberonline.com.br/gengivasnegras

Skulk: [Partition Root]

Com um elogiado álbum de estréia lançado de maneira independente no ano passado, o Skulk já se firmou como uma das novas promessas do rock industrial do Brasil. Entre faixas de "Plugged" e algumas inéditas, o trio mostra ao vivo algumas de suas "subversões" enfurecidas para clássicos como "Burning Inside" (Ministry) e "She Bop" (Cindy Lauper).

www.fiberonline.com.br/skulk

Mobius Project

Um dos principais expoentes do synth e do future pop nacional, a banda liderada pelo DJ e produtor carioca Guga foi um dos destaques do Electro Fetish Party, realizado em SP no mês de junho, e fez uma abertura memorável para a dupla italiana Syrian. Ao vivo, o Mobius apresentará suas composições próprias como "Hell" e "Ghost in the Shell", além de algumas versões para antigos e novos clássicos da música alternativa.

www.fiberonline.com.br/mobius_project

Bad Cock vs Aire'n'Terre

Este live marca o encontro de HansenHarryEBM (vocalista e líder do Harry) e do produtor musical e artista multimídia Wandeclayt (Aire'n'Terre). Formatado especialmente para o Machina Festival, o Bad Cock vs Aire'n'Terre apresentará intervenções sonoras em que um artista interage na produção do outro, num mix de referências e afinidades musicais eletrônicas que vão do technopop às manifestações mais dançantes da música industrial.

www.fiberonline.com.br/hansenharryebm
www.fiberonline.com.br/airenterre

Deadjump

Deadjump é um dos artistas da geração electro/industrial, surgida no Brasil na metade da década de 90. No ano passado lançou "Immortal", seu quarto álbum, que rendeu ótimas resenhas e comentários em sites e revistas especializadas em música eletrônica alternativa de diversos países como Polônia, Bélgica, México, Alemanha e República Tcheca. Fãs de bandas como Skinny Puppy, Leaether Strip, Hocico, Wumpscut, X Marks The Pedwalk, Suicide Commando são alguns dos admiradores dos "Deadjump sounds".

www.fiberonline.com.br/deadjump

Homicide Division

Com um álbum lançado nos Estados Unidos e Europa, a dupla Alexandre Lira (Reality) e Paulo Lanfranchi (Security Device) utiliza plataformas digitais para criar verdadeiros petardos electroindustriais que abordam de maneira pungente temas como guerra, violência, ameaças químicas e drogas. Ao vivo, a identidade visual da banda remete ao paramilitarismo, com seus equipamentos de combate, máscaras de gás, óculos de proteção e uniformes camuflados.

www.fiberonline.com.br/homicide

Machine Revenge vs Vector Commander

Em formato inédito para o festival, o DJ e produtor Alex Strunz apresentará, no mesmo live PA, seus dois projetos eletrônicos. Com o Vector Commander, Alex explora os recursos de seu hardware para produzir um techno de bases pesadas, com timbres metálicos. Já em seu novo projeto, o Machine Revenge, ele propõe uma fusão entre vertentes da música industrial - como a electronic body music, o noise e o crossover - que ao vivo torna-se ainda mais vigoroso com os vocais processados do MC de EBM Erick Thurm.

www.fiberonline.com.br/vectorcommander

QUEIMANDO

*por Adriana Amaral**

"Sometimes you sulk
Sometimes you burn"
Thom Yorke - Radiohead

A febre continuava lá, mesmo após 48 horas ela permanecia afetando o pensamento, molhando a blusa vermelha de seda e causando uma dor que apertava a garganta e descia esôfago abaixo, queimando, queimando, queimando e era pior do que o inferno. Já estivera nele bem mais vezes do que imaginavam.



Sentada na banqueta de couro, mal conseguia distingüir entre os corpos jogados no tapete de lã de ovelha, pelego de verdade tinha dito o vendedor em um espanhol de última categoria na fronteira com o Uruguai. Ovelhinhas, um rebanho de fracos como tantos outros com os quais já havia cruzado em uma dessas noites aparentemente sem sentido. São três, agora já podia contar. Dois homens e uma mulher. O mais forte deles, um árabe, caíra logo após o absinto, hoje em dia não se faz mais absinto como no tempo dos impressionistas, nem se pode chamar aquele efervescente diluído de absinto, seria desonrar a memória do Moulin Rouge e das festas na casa de Manet. Agora eram outros tempos. Menos glamourosos, mais animalescos, que ironia.

Todos andavam em busca da realidade perdida, atrás de pequenos momentos de subversão à produção, criando laços efêmeros entre desconhecidos, desencantados com a perda dos referenciais, com a vertigem causada pelo excesso de informação e de luz. A luz, sim, lembrara que sua resistência às luzes artificiais era cada dia maior.

Ela trazia aquele lado escuro, sombrio, que borrava o grande abajur no qual a modernidade havia se transformado. E era por isso que eles a admiravam, a rondavam feito pequenos insetos em torno da carniça. Era um convite ao lado negro da força, como diria o Imperador de Star Wars. A loirinha, que de princesa Léia não tinha nada e estava mais pra Pamela Anderson, entrou na brincadeirinha rapidamente, trouxe junto o namorado de pele branca e cabelos escuros. O árabe completamente chapado, deitado na cama de lençóis acinzentados esperava sua vez sorrindo enquanto a loira e o namoradinho com cara de lutador de jiu-jitsu se chupavam em um 69 longo e aparentemente tedioso. Ela percebeu que ao ouvir o barulho do zíper da jaqueta abrindo e o saltar dos peitos em um soutien meia-taça preto, a loira, como era mesmo o nome?, acho que era Bárbara, mas não faz diferença mesmo, é apenas mais um nome e continuaria ainda sendo a mesma coisa se ele fosse alterado. Bárbara mudou a direção do olhar e voltou-se para Ela, com a língua para fora à espera de um beijo. Ela aproximou-se e arrancou-a dos braços do namorado, beijando-a como se fosse a última noite na Terra. O lutador de jiu-jitsu armou-se com seu ridículo pênis e um sorriso torto de ecstasy e penetrou a Barbie, enquanto as duas mordiscavam-se e arravanham-se no chão. Após alguns instantes, deu-se por vencido e deitou-se, virando de bruços para o árabe, que em sua chapadeira típica chamava o menino de Lúcia. O bad boy sequer sangrava, apenas gemia de prazer.

Nesse pequeno intervalo, Ela não hesitou e em sua sede ensandecida agarrou-se ao pescoço da loira com toda voracidade. Cravou-lhe os dois dentes na jugular, que começou a dar sinais de que ali havia uma vida, completamente desprovida de construções lógicas e de pensamentos mais elaborados do que a cor do esmalte da estação, mas mesmo assim, uma vida. As linhas guias de um mapa, era o que formava todo aquele sangue fino escorrendo por entre os seios, o colo e o umbigo de Bárbara. E quanto mais ele jorrava, mais Ela bebia e mais Ela pensava naqueles anos tediosos e repetidos no

qual cada noite era um eterno retorno à noite anterior: uma volta pela cidade, um encontro casual, um pouco de sexo e sangue, muito sangue - quem sabe não fosse melhor guardar um pouco na geladeira para um período de lei seca. O sangue ralinho e ainda quente da moça mal preenchera sua garganta e a queimação já dava sinais de que iria voltar.

Os dois rapazes não acreditavam na cena que acabaram de presenciar. Riam compulsivamente enquanto Ela os amarrava. O punhal de prata encontrava-se em cima da mesa de cabeceira. Ela fitava aquele brilho envelhecido enquanto dançava. O árabe e o lutador mauricinho pediam mais e mais ela rebolava, ora na boca de um, ora na de outro. Suas línguas exploravam suas entranhas e mesmo assim sentia-se vazia.

- Hora de brincar meninos! – sorriu ela pegando o punhal com a mão direita e cortando as alças do sutiã e a meia sete oitavos. Agora só restava a calcinha. Com as mãos e os pés atados, restava à dupla mordê-la até despedaçá-la.

Aquele pequeno joguinho de sedução os fazia entrar em um delirium tremens. Para Ela contudo não passava de mais uma operação mecânica do tipo apertar um parafuso. Era isso, havia se transformado na operária padrão do amor & morte. Contudo, uma aposentadoria seria a morte. Ah, mas será que para os humanos também não era? Dava até vontade de parar tudo e ficar em um diálogo ininteligível tipo filme francês em que no meio da cena de sexo parece congelar para os protagonistas discutirem o sentido da existência humana ou quem sabe dava para pelo menos ligar para o tele-pizza... fazia tanto tempo que não saboreava uma pizza... ainda lembrava do gosto do pão e do queijo tocando o céu de sua boca. Fora Marco quem lhe dera o primeiro pedaço, jamais esqueceria, mas deixemos aquele motherfucker em paz, seus ossos nem pó mais devem ser a essa altura do campeonato. Fazia tanto tempo que não comia... décadas...

Será que as línguas deles sentiam o gelo trepidante de sua pele? Será que gostavam do líquido de odor tão forte? Não era preciso cheirar muito para senti-lo tão forte, tão vivo, impregnado de desejos indizíveis. O árabe possuía o sangue quente, característico dos mouros, um gosto quase salgado e forte feito pimenta. Pele de primeira. Já o playboy tinha aquele cheirinho de branquelo azedo. Por anos e anos ela tinha apreciado aquela sobriedade, aquela contenção germânica. Mas embaixo da frieza jazia um coração e um membro pulsante, fervente, delirante. Escondiam suas pequenas perversões cotidianas até o ponto em que enlouqueciam. Tênue era a linha entre o pecado e a perdição. Mas que papo moralista é esse Dela? Logo alguém que se julga acima da moral devido às suas escolhas privadas.

Sugá-los foi ainda mais fácil do que imaginara. Tudo começa com um boquete. Os anatomistas se enganaram quanto aos homens, o cérebro deles está localizado no membro. Enquanto deleitam-se não percebem as primeiras gotas de sangue sendo engolidas e, quando se dão conta, é tarde demais, a morte lhes traz o alívio imediato.

Após o término da sessãozinha básica de sexo e janta Ela só tinha que descansar... ali estavam as ovelhas do seu rebanho, corpos sem vida, sugados em poucos instantes, contudo era para isso que haviam sido preparadas. Foram ao abatedouro por vontade própria, ou melhor, por falta de vontade, pensamentos fracos. Sem sentimentos de culpa, sem tristezas, são apenas humanos, nada que valha à pena ou faça sentido.

Enquanto isso Ela veste-se e vai embora. Alguém tem que pagar a conta do motel, mas limpeza Ela não faz, não foi pra isso que estudou tantos anos. Além do mais precisa recolher-se, pois sabe que queimará novamente em algumas horas.

*[****Adriana Amaral*** *é autora do livro* ***Visões Perigosas - Uma Arquegenealogia do Cyberpunk****, apresentado na seção* ***:\review>*** *desta edição.]*

http://www.adriamaral.com

http://www.palavrasecoisas.blogspot.com

fotos: ***Wandeclayt M;***



Após lançar o álbum ***Immortal*** em 2006 pelo selo brasileiro **Resistance Beat Music**, o **Deadjump** parte numa empreitada internacional e assina com o selo húngaro **Advoxya Records** e anuncia três lançamentos para 2007: pelo calendário da **Advoxya** a safra se inicia com o EP ***Scare-Mix***, seguindo com a reedição do álbum ***Post Mortem*** (Resistance Beat, 2000) em tiragem limitada e finalizando com um álbum de inéditas.

Scare-Mix, o primeiro lançamento, traz quatro faixas ineditas e oito remixes de faixas do álbum ***Immortal***. Entre os artistas responsáveis pelos remixes aparecem nomes como **Deus Ex Machina**, **Preemptive Strike** e **Cyclone B**. Entre as faixas ineditas há ainda uma parceria com o **Mortal Constraint** com os vocais de **Ale X** na faixa ***Hollow Peace***.

É com *Ale X Ramos*, o homem por trás do **Deadjump** que conversamos nesta entrevista.

:\OverClock> Após um longo hiato nos lançamentos de música eletrônica mais pesada no Brasil, o **Deadjump** lançou um álbum muito bem recebido por crítica e público. Como foram as vendas do disco no Brasil e no mercado internacional? O disco chegou a praticamente todos os continentes. Como funcionou o esquema de distribuição?

:\Deadjump> Bem, acredito que diante do mercado restrito de musica eletrônica pesada as vendas foram satisfatórias. Óbvio que há muito a buscar, mas por ser um album de *EBM*, que hoje é uma vertente muito criticada, a receptividade agradou. No Brasil, as coisas envergam para um lado mais complexo. Talvez, por questões sociais, ou mesmo, culturais, acabam trazendo entraves quase intrasponíveis. Já no mercado internacional, as vendas correram tranquilamente, com mais expectativa de venda e retorno financeiro.

A distribuição foi outra coisa bem árdua. Os contatos foram feitos paulatinamente e demorou um pouco até as coisas começarem a rolar, mas o tempo foi encarregado de disseminar o álbum e o resultado foi grandioso. Resenhas bacanas, convites para remixes, participações, shows etc.

:\OverClock> A indústria musical vive um momento peculiar. As gravadoras reclamam de queda nas vendas e o público reclama dos altos preços. Enquanto isso, o comercio online e o compartilhamento de arquivos cresce. Qual sua visão desse cenário? O compartilhamento de arquivos é um inimigo ou um aliado do músico independente?

:\Deadjump> Depende. Se o intuito do músico independente for ganhar dinheiro, e conseguir viver disso, acaba sendo um inimigo, digamos um "Terrorista". Agora, partindo do ponto de que o compartilhamento ajuda a divulgação, você acaba ganhando.

Entendo que a questão é intrincada.

Vejo o compartilhamento como algo salutar para conhecer novas bandas e adquirir músicas fora de catálogo etc. Quando o ***Immortal*** foi lançado fui contra a divulgação dele numa lista de discussão aqui do Brasil e fui retaliado por alguns no mesmo instante. Dos que fizeram uso do link, poucos compraram, então neste ponto, não vejo vantagem. Não tenho mais a ilusão de querer viver de música, ser "pop star" se assim posso dizer. Prefiro ter 10 pessoas que comprem o cd a ter 100 com o mp3 na máquina, pois te garanto que o retorno vem dos primeiros. Eu continuo comprando cd dos meus ar-

tistas favoritos e comprando cds de bandas novas que ouvi e gostei.

:\OverClock> Dos sintetizadores analógicos na década de 70, passando pela incorporação dos computadores e samplers na década de 80 até a explosão do PC como instrumento musical nos anos 90, a música eletrônica sempre foi o genero musical mais sintonizado com a tecnologia. Como essa evolução tecnológica influi no processo de composição do **Deadjump**? O que integra o seu estúdio hoje?

:\Deadjump> Muito. acabei optando pelos sintetizadores virtuais. Como não ganho dinheiro com isso acabando evitando ao máximo despesas. Ainda prefiro hardware, mas diante da necessidade e contenção de despesas, gasta-se menos comprando softwares. Ao contrário de muitos, ainda gasto dinheiro comprando softwares originais. :)

No estudio tenho: PC rodando *Cubase*, *Reason* e seus plugins. "*Staff Drum*", *AKAI 2000*, *QuadraVerb II*, Mesa *Yamaha ProMix 01* e *Alpha Juno* da **Roland**.

:\OverClock> O **Deadjump** teve uma agenda de shows bastante expressiva em 2006. Que shows você destacaria na tour?

:\Deadjump> Sem dúvida foram os shows de Santa Maria, Santos, Bueno Aires e São Paulo, junto com o **Amduscia**.

:\OverClock> Ainda sobre os shows, como será o **Deadjump** na próxima tour? Teremos a presença de músicos adicionais ao vivo?

:\Deadjump> Estamos ensaiando as novas músicas. Temos um baterista, com a "*staff Drum*", e um keyboard para inserções *live*.

:\OverClock> As influências mais obvias do **Deadjump** sao de bandas eletrônicas mais agressivas. Mas recentemente - passando longe das experiências de fusão de ritmos tão comum no drum n' bass - você remixou a faixa *Deus lhe Pague*, de **Chico Buarque**, transformando-a na mais pura EBM. Além de **Chico Buarque** que outras influências menos óbvias fazem parte de seu universo musical?

:\Deadjump> O lance desse remix foi um convite de um cara que conheci no estúdio onde trabalho e que precisava terminar seu trabalho de conclusão de curso. Ele fez um vídeo e várias versões dessa música. House, Down Tempo etc., e ele precisava de alguém para fazer algo mais estranho. :) não podia ser algo mais sinistro que o **Deadjump**.

Escuto muita coisa. Desde synthpop até hardcore e creio que tudo acaba misturando ao **Deadjump**, inevitavelmente. :) O Novo álbum está mais rápido com BPM até 150 e isso se deve ao fato de eu estar ouvindo muita coisa rápida....como Metal e Hardcore.

O novo desafio será fazer um cover nessa linha... hehehehehe

:\OverClock> Quando surgiu o **Deadjump** e o que o atraiu ao universo da música eletrônica? Em que outros projetos/bandas você esteve envolvido?

:\Deadjump> Bem, o **Deadjump** surgiu em 1996, após o término do **Brutal Divergenz**, projeto que eu fazia parte. A musica eletrônica é algo arraigado nas minhas veias desde 1990, quando escutei **Front 242** pela primeira vez e desde então não consegui me livrar desse vício. Participei do **Brutal Divergenz** em 1994, **Chipset Zero** em 1998 e **Hatech** em 2002.

:\OverClock> Apesar da longa carreira e do prestígio do **Deadjump**, viver da própria música ainda é uma realidade inacessível mesmo para as maiores bandas brasileiras no cenário. O que faz *Alex Ramos* quando não está pilotando sintetizadores e sequencers?

:\Deadjump> Sou formado em ciências jurídicas desde 2000 e agora estou dedicando meu tempo aos estudos. Estou fazendo pós-graduação em Direito Público e isso tem me ocupado bastante tempo. Fora isso, continuo trabalhando no estúdio da Universidade aqui na minha cidade (Guarulhos), como editor de áudio.

:\OverClock> Por último, deixe uma mensagem para os leitores do **:\OverClock> Zine**.

:\Deadjump> Agradeço a força de todos e que possamos construir uma cena eletrônica sólida e consistente.:)

www.deadjump.net

www.myspace.com/deadjump



*Arte de Capa do EP **Scare-Mix**.*
*Modelo: **Juliana P.** | Foto/Design: **Wandeclayt M.***



Hans Bellmer. *La Poupée* (detalhe) 1933-1945. Centre Pompidou © Adagp, Paris 2006.

De grande relevância ao movimento surrealista europeu (posto em manifesto nas primeiras décadas do século XX, após o movimento Dadá), Hans Bellmer (1902-1975), de origem alemã, expressou com gravuras, esculturas, desenhos e fotografias um anseio de representar as pulsões do inconsciente ligadas à libido, subversão e conflitos de moralidade. Esta linha poética chama atenção pela ênfase à sexualidade humana, tema muito polêmico em seu tempo, vista a grande repercussão das requisitadas publicações da psicanálise freudiana.

Assim como o dadaísmo, o Surrealismo é um movimento não só artístico como também literário, com amplas ramificações (principalmente no cinema) e com o empenho de influir profundamente na vida individual e social. Os surrealistas frisam a suposta produção psicológica, originada nos confins da mente humana. Tal proposta se realiza, por vezes, a partir de um estímulo físico, como no caso dos artistas espanhóis Salvador Dali – consumindo alcalóides, químicos psicotrópicos para a concepção de suas pinturas oníricas – e Juan Miró – passando períodos extensos sem qualquer alimentação, almejando uma arte desprendida de racionalidade, mais ligada às necessidades primeiras do ser humano através do flagelo no corpo consciente.

No caso de Bellmer, sua inclinação à arte de cunho psicológico originou-se por indignação política e ideológica, muito influenciada pelo crítico social George Grosz, que também lhe ensinou desenho e perspectiva. Seus trabalhos estão além à premissa moral e discursiva do corpo característica de sua época e também à maneira de lidar com o objeto de desejo estimado pelo indivíduo ocidental.

Na década de 30, o artista construiu seu símbolo do objeto sexuado (e genitalizado) no qual permearia toda sua produção daí em seguida: Las Poupées (as bonecas), caracterizada de forma ousada como entidade profana. Tais figuras expressam um erotismo de corpos não reprimidos, fetichistas, masoquistas que, segundo o ideal do criador, contrapunha todo o culto do corpo ariano, difundido pelo partido nazista na Segunda Guerra Mundial.

As articulações das bonecas são desconstruidas e remontadas de forma aleatória, enfatizando a conotação "objectual" das peças. Este jogo de partes está amplamente fotografado em ambientações próprias, como um delírio inesperado da visão, embuída de inconsciência. O requinte na feitura e um certo virtuosismo pela técnica, tanto no desenho, quanto na escultura, a um só tempo, seduz e repele o espectador que se dispõe a contemplar a arte de Bellmer.

Uma das grandes produções da cultura cyberpunk, o anime longa-metragem Ghost in Shell (1989), teve como principal referência visual a vasta produção do artista alemão. A propriedade inorgânica, sensual e assustadora das Poupées chama a atenção de Masamune Shirow, idealizador do aclamado anime. Para os fãs do filme e seriado, bem como apreciadores da arte modernista, conhecer Hans Bellmer é indispensável.

[Elias Maroso é artista visual e acadêmico do curso de artes visuais da universidade federal de santa maria. http://www.fotolog.com/elias_maroso]







JOEL-PETER WITKIN

por Vamp Depeche



Durante o Século XIX era costume das famílias que perdiam seus entes fotografá-los pós morte: durante o funeral, sentados ou deitados em suas próprias camas, num aparentemente tranquilo e momentâneo sono. Crianças eram fotografadas em seus berços. Famílias inteiras apareciam posando juntas.

O mórbido costume das famílias ficou para trás, mas o interesse dos fotógrafos em compor imagens com modelos mortos permanece. Uma nova visão sobre a natureza-morta, com cadáveres - ou partes deles - compondo quadros que as vezes parecem trazer de volta à vida os modelos retratados.

Especialista no assunto, o fotógrafo americano Joel-Peter Witkin teve um contato precoce com a morte. Ainda menino viu a cabeça de uma garota, degolada num acidente de trânsito, rolar até seus pés. O sentimento do artista não foi de terror, mas de fascínio pela expressão nos olhos mortos da garota. Witkin seguiu vendo a morte de perto documentando mortes acidentais de soldados de 1961 a 1964 durante seu serviço militar. Na década de 70 solidificou sua formação acadêmica estudando escultura, poesia, fotografia e história da arte, passando pela Cooper union School of Arts e pelas universidades do Novo México e Columbia.



Witkin é extremamente minuncioso em cada etapa do seu trabalho. Da concepção das obras à preparação dos corpos e montagem dos cenários em estúdio. Witkin utiliza técnicas fotográficas primitivas como a daguerreotipia e manipula química e físicamente os negativos para produzir imagens com aspecto envelhecido.

Além de cadáveres, Witkin retrata hermafroditas, anões, portadores de deformidades e outros tipos fora do espectro convencional de beleza no que o fotógrafo chama de imagens de amor e redenção. Seu trabalho recorre com freqüência a recriações de obras clássicas e releituras de cenas mitológicas, todas lançando mão de seus inusitados modelos.

Como poderíamos esperar, Witkin afirma não se chocar com a morte e diz se pertubar apenas com a capacidade humana de institucionalizar a violência.





ARTE CONCEITUAL

*por Mônica Spohn**

One and Three Chairs (1965). ***Joseph Korsuth***

Surgida em meados da década de 60, a **ARTE CONCEITUAL** tem como princípio relevante a idéia, o conceito em relação à aparência da obra.

É a atitude mental que o artista conceitual eleva para que a arte (possa) deixe de ser necessariamente visual e estética, em favor do conceito como obra, buscando que o espectador envolva mais a mente do que simplesmente o olhar.

Tendo dessa maneira a idéia como primórdio, a execução da obra em si fica em segundo plano e não precisa ser obrigatoriamente produzida pelo próprio artista, fato considerável na arte contemporânea, em função da discussão de autoria.

Fatores que podemos mencionar como também discutidos pela arte conceitual, segundo Nood, no livro Modernismo em Disputa (1998), é a questão do contexto de produção (material do trabalho), de consumo (acesso à obra de arte), e a investigação da linguagem como prática de arte, muito bem explorado pelo artista Joseph Kosuth na obra *One and Three Chairs* (1965), onde expunha uma cadeira, uma foto desta e a definição do dicionário sobre o que seria este objeto banal.

Como uso recorrente do processo criativo conceitual, diante dos meios tecnológicos (aqui podemos citar novamente a arte contemporânea que nos possibilitou tal abertura), vemos a utilização da fotografia, filmes, vídeos como documentos de ações e processos, mapas, xerox ou textos escritos como o já mencionado dicionário e formulas matemáticas.

Fazendo uma análise talvez um pouco imprecisa, mas como estudante de artes visuais, creio ser possível, atualmente, criar um grande grupo denominado arte conceitual e inserido nesse grupo teríamos, a vídeo-arte, a performance, a body art e o happening, exemplos de alguns expoentes que trabalham e necessitam da idéia para a realização da obra. Enfim boa parte da produção contemporânea faz uso voluntária ou involuntariamente da arte conceitual e eu gosto muito disso!

[**Mônica Spohn é modelo e acadêmica de artes visuais na Universidade Federal de Santa Maria. Seu trabalho como artista pode ser acessado em http://www.ufsm.br/objetoarte/monica.htm. Como modelo pode ser vista na capa desta edição do zine e em seu portifolio online http://moxys.deviantart.com*]

BULLETS

*por HansenharryEBM**



1989- O jornalista Alex Antunes viaja a Portugal com uma pilha de discos embaixo do braço, de grupos alternativos brasileiros (Akira s e as Garotas que Erraram, Fellini, Harry, Voluntários da Pátria, etc). Um dos lojistas ao se deparar com o Fairy Tales, do Harry, murmura: "Este cá, nós já conhecemos".

1994- Antes do show do Depeche Mode, o DJ Fabio Spavieri entrega a Martin L. Gore vários discos da cena electronica brasileira. Gore segura o Fairy Tales e diz: "Esse eu conheço".
Porque então, apesar desse reconhecimento, não tenho nem dinheiro para almoçar hoje?

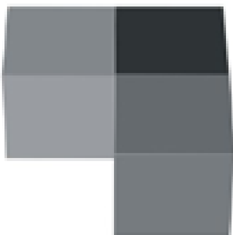
Eu nunca fui lá muito modesto em relação a qualidade do meu trabalho, assim como também em reconhecer a excelência da cena electronica brasileira desde seus primóridios (yours truly, Símbolo, Loop B, Morgue, Security Device, Aghast View, Self, Pitch Yarn of Matter, Resonate e tantos outros) até hoje (ainda yours truly, rsrs, Homicide Division, Aire´n ´terre, Shellcode, Klaustrophobik, 3 Cold Men, Pecadores, Dead Jump, Digitaria, Montage, Multiplex e dezenas de outros). No entanto, nenhum deles ganha a vida com seus excelentes trabalhos, enquanto excrescências como a lacraia, vivem pelos Hiltons da vida, antes de se apresentar para um bando de ignorantes que consomem qualquer merda que lhes seja impingida.

Armações não são prerrogativa dos brazucas, estão aí as vagabundas tipo Avril e Britney que não me deixam mentir, enquanto aqui suas contrapartes Kelly Key e Putty desfrutam de fama e fortuna. Mas a partir de que pelo menos lá fora existe uma estrutura alternativa para bandas que, se não ficam famosas e milionárias, conseguem viver do que produzem,aqui esse espaço é tomado por verdadeiros acintes como a supra citada lacraia, Tati Quebra-barraco (a bosta que cago é capaz de fazer melhor que aquilo) ou mesmo nulidades que a crítica tenta travestir de arte "séria" (céu, Maria Rita).
A net até democratizou um pouco as coisas, hoje é mais fácil expor um trabalho, porém fazer com que a manada o escute é mais complicado, um bando de zumbis sem a mínima opinião própria e que hoje até se orgulha de seu semi analfabetismo, como se escrever certo fosse motivo de vergonha.

As grandes gravadoras, que ajudaram a criar esse cenário caótico, hoje afundam na própria lama, já que mataram o conceito de álbum e hoje a grande maioria não tem senão uma pasta desorganizada de musicas soltas em seus I_tunes.

Francamente, não vejo solução imediata para essa crise, mas uma luz no fim do túnel nos foi dada em 1997 por um simples ladrão, que ao assaltar num posto de gasolina o então presidente da Sony desferiu-lhe 5 tiros na barriga. Ali mesmo, vislumbrei uma possível salvação para nossa indústria fonográfica: 5 tiros na barriga de cada um e está tudo resolvido...

*[*HansenharryEBM é frontman/vocalista/guitarrista da pioneira banda eletrônica santista Harry e também destila sua música no projeto-solo Bad Cock.]*



smalt

www.smalt.com.br



Da insólita fusão entre música industrial, macumba e letras ácidas em bom português surgem os ***Pecadores.*** Debutando com o álbum *10% for Jesus* pela gravadora alemã Danse Macabre e levando para o palco um show apoteótico (abrindo inclusive para VNV Nation e Das Ich em suas passagens pelo Brasil), a banda firma-se como um dos mais fortes nomes da música eletrônica brasileira no cenário mundial.

O Overclock Zine conversa com o Apostle NIwt, o missionário que, ao lado de Dark Messenger (voz, letras), e dos obreiros, assistentes e macumbeiros Brother Vlad e Sister Mege, forma o mais inusitado grupo de música eletrônica da atualidade.



:\Overclock> O Pecadores é uma das bandas eletrônicas brasileiras de maior projeção na Europa atualmente. Letras em português sao um diferencial positivo nesse caso?

:\Apostle Niwt> Sim, cantar em português é um diferencial importante, pois no mercado atual, surgem bandas a cada dia, e muitas vezes fazendo aquilo que todo mundo já faz. Cantar em português e acrescentando samples e ritmos do candomblé, nos dá este diferencial.

:\Overclock> Como surgiu a ideia de trazer esses elementos, antes impensaveis, ao universo da musica industrial?

:\Apostle Niwt> A idéia surgiu com o inicio da banda. Queríamos fazer um som industrial para a banda, mas ao mesmo tempo ser diferente. Quando chegamos ao nome Pecadores, após nossa passagem pelas congregações religiosas ao longo dos anos, decidimos pegar elementos das religiôes brasileiras e daí pra frente a coisa foi acontecendo naturalmente.

:\Overclock> Tive o prazer de ver o Pecadores ao vivo e fiquei impressionado com o impacto que toda a producao de palco causa (Alem da qualidade musical da banda). Como sao concebidos os shows? A porção cênica do espetáculo tambem é idealizada pelos integrantes da banda?





:\Apostle Niwt> Fazer um show é o mesmo que pregar, ou fazer um discurso. Você vende sua imagem, e se ela não for nada chamativa ou não passe nada para quem está te ouvindo e vendo, você tem muita chance de não progredir. Por esta razão, nos preocupamos com cada detalhe de um concerto, e sabemos que ainda estamos longe de chegar no resultado esperado por nós. Nos reunimos e discutimos o que podemos acrescentar ou não. Trabalhamos bastante com o cotidiano, com o que está acontecendo no Brasil, com relação à religião, sempre. Tudo feito até hoje, foi criado por nós, e temos muito ainda para criar. Nunca você verá um show dos Pecadores igual a outro. Sempre estamos colocando algo diferente nas falas, na performance.

:\Overclock> por fim pedimos uma mensagem de fé para os fiéis leitores do zine Overclock>
:\Apostle Niwt> Abram seus olhos, tudo que envolve dinheiro é para se desconfiar, a igreja hoje é nada mais nada menos que movida por um grande comércio e grande propaganda, assim como qualquer outro produto. Venham conferir a verdade que esteve escondida por toda uma vida, vejam nosso show e comprem nosso CD, afinal de contas somos filhos de Deus também...

www.pecadores.net
www.myspace.com/pecadoresbrazil





Guerra Termonuclear Global no Conforto do seu Bunker!

No auge da paranóia da guerra fria um hacker adolescente entra por acidente no computador central do **NORAD -** o comando de defesa aeroespacial norte-americano - e acreditando estar numa versão de testes de um novo jogo (com o singelo nome de *Global Thermonuclear War*) chega perto de iniciar a terceira guerra mundial. É com essa trama que o clássico ***Jogos de Guerra*** (*Wargames*, *1983*) do diretor *John Badham,* com *Matthew Broderick* e *Ally Sheedy* no elenco, alimenta o pesadelo nuclear dos anos 80 .

O filme - que já emprestou samples para ***Hysteria***, o clássico da new beat dos belgas do **Amnesia** - é também a principal referência para o jogo **DEFCON** desenvolvido pela pequena e independente ***Introversion Software*** - a companhia anuncia com orgulho em seu site a contratação de seu nono funcionário. Mesmo sem mostrar uma gota de sangue, **DEFCON** consegue ser o mais violento jogo da história. Em Jogos de Guerra, a moral da história é que em uma guerra nuclear não existem vencedores e cada agressor sofrerá perdas inaceitáveis. Em **DEFCON** a moral é entrar na guerra assim mesmo e tentar causar perdas ainda mais inaceitáveis em seus oponentes. As mortes são contadas aos milhões.

A bela interface 2-D, inspirada nos gráficos do filme, é simples e retrô mas elegante. A imagem do mapa mundi luminescente mostrando os arcos traçados pelos Mísseis Balísticos Intercontinentais é tão bela que há posters a venda no site da *Introversion*.

Num livre redesenho do cenário político mundial o jogo divide o mundo em seis potências nucleares: América do Norte, America Latina, Europa, Rússia, Ásia e África. Cada potência com um arsenal de radares, bases aéreas, submarinos, navios de guerra, porta-aviões e silos de lançamento.

Jogar contra a máquina é um bom treinamento, mas o mais interessante é desafiar oponentes humanos jogando em rede.

O site disponibiliza um demo para download mas se você pretende comprar algum jogo nos próximos meses **DEFCON** é um justo merecedor do seu dinheiro, principalmente custando modestos US$ 19,50 na versão para download e US$ 23,40 no box. Disponível também nos sabores ***Linux*** e ***Mac OS X.***

http://www.everybody-dies.com


RONAN HARRIS (VNV NATION) | FOTO: WANDECLAYT M.

PET SHOP BOYS EUPHORBIA HARRY VNV NATION

NOSSOS AGENTES INFILTRADOS CONTAM TUDO SOBRE OS SHOWS


***Euphorbia**. foto: Gislaine S.*


***Pet Shop Boys**. foto: Wandeclayt M.*

PET SHOP BOYS | EUPHORBIA

Euphorbia e Pet Shop Boys *(Gigantinho, Porto Alegre - 21.03.2007)* Quando ouvi os primeiros rumores da vinda do ***PSB*** a Porto Alegre a primeira coisa que me veio a cabeça foi: *que abacaxi os produtores vão escalar para abrir o show?*
Pois acabei queimando minha língua. E a surpresa não poderia ser melhor. A honraria coube ao duo porto alegrense de EBM/ dark electro ***Euphorbia (****www. myspace.com/euphorbia****)***. Até o momento a banda só havia subido ao palco uma vez, no palco do ***Macondo*** em Santa Maria, na festa ***Musique Non Stop***. Mas a pouca experiência acabou se traduzindo em excesso de empolgação e vontade de mostrar o trabalho aos milhares de pessoas que aguardavam o synthpop do ***PSB*** no Gigantinho. No palco, *Man Machine* (synths) e *Messiah* (voz) contaram com o reforço de *Wandeclayt M*, do ***Aire'n Terre*** nos synths e efeitos.
Em meia hora de show a banda conseguiu conquistar a platéia com composições agressivas e dançantes, onde os vocais saturados e timbres bem programados amalgamavam-se numa **EBM** com influências de ***Hocico*** e ***:Wumpscut:*** (o dos tempos áureos, não o caça-níqueis de hoje). Fica a esperança de que mais produtores sigam o exemplo e pesquisem as cenas regionais na escolha das bandas de abertura.

Quanto ao show principal da noite, também tinha minhas reservas. Não tinha lido nada sobre a tour *Fundamental 2007* e nos últimos dez anos acompanhei pouco do que *Neil Tenant* e *Chris Lowe* andaram fazendo, e não gostei do pouco que ouvi. Mais uma vez, minha apreensão foi em vão. Ao ver no backstage o setlist do show fiquei eufórico ao perceber que o foco do show era mesmo no início da carreira dos rapazes. De hits como *It's a Sin* e *Domino Dancing* a faixas não tão executadas em FM como *Rent* e *Opportunities*. Estava tudo ali (esperar b-sides como *Don Juan* e A *Man Can Get Arrested* já seria pedir demais). Em performance solo e assumindo os vocais, o tecladista *Chris Lowe* executou uma versão de Paninaro que faria inveja ao ***Front 242*** (mais uma vez, o dos tempos áureos)
A excelente produção de palco incluía projeções, incontáveis trocas de figurino, dançarinos e uma ótima iluminação. Com toda essa apoteose audiovisual era impossível não entrar no clima e cantar junto cada hit, como fizeram as três gerações na extasiada audiência.

Pet Shop Boys Fundamental 2007

God Willing / We're The Pet Shop Boys /Left to My Own Devices
I'm With Stupid
Suburbia
Can You Forgive Her
Minimal / Shopping
Rent
Dreaming Of The Queen
Heart
Opportunities / Integral
Paninaro
Numb
Se a Vida E / Domino Dancing
Flamboyant
Home & Dry
Always On My Mind
Streets Have No Name(sic)
West End Girls
Sodom and Gomorrah Show

So Hard / It's a Sin
Go West

Being Boring


Johnsonn e Hansen. **Harry** no Machina Redux.
foto: Wandeclayt M


Marreco e Verta. **Harry** no Machina Redux.
foto: Wandeclayt M.


Luthier e Verta. **Harry** no Machina Redux.
foto: Wandeclayt M

H A R R Y

Harry *(Machina Festival - 18.11.2005; Machina Redux - 28.052006; Festival Ampli Vol 2, Sesc Pompéia - 28.07.2006; Centro Cultural São Paulo - 26.11.2006).* Passaram-se 1, 3, 5, 9....caramba, 10 anos (!) para que o ***Harry*** quebrasse o silêncio e retornasse aos palcos. Cheguei até a imaginar que o Hansen tivesse morrido de overdose, enquanto o Verta trilhava sua bem sucedida carreira, envolvido com o "outro lado do mercado fonográfico".

Eis que, no final de 2005, o ***Harry*** ressurge das cinzas e reassume o seu posto no cenário do rock eletrônico brasileiro, hoje em dia com novos protagonistas e, porque não, também figurantes.

A volta foi triunfal, com o memorável show no **Machina Festival**, que comemorou os nove anos do portal de música eletrônica **FiberOnline** e o lançamento do box *Taxidermy – Boxing Harry*. A crítica de todo país foi unânime ao mencionar o ***Harry*** como uma banda a frente do seu tempo e teceu vários elogios à caixa, que resgatou toda a aua discografia e não deixou passar sequer as tais *unreleased tracks*, que somam mais de 25 faixas, além dos remixes assinados por alguns dos representantes da nova geração da música eletrônica brasileira.

Lá estavam Hansen, Verta, Johnsson e César, acompanhados pelo baixista Lee Luthier e pelo guitarrista Marcelo Marreco (que já havia tocado em alguns shows do ***Harry*** no início dos anos 90). A responsabilidade e expectativa por parte do público eram grandes, pois a banda tocaria antes da dupla belga ***Neon Judgement***, ou seja, uma noite histórica com dois legítimos representantes do rock eletrônico.

Os enigmáticos pads dos teclados de Johnsonn fizeram a introdução para *Saviour*, que recebeu doses maciças de decibéis e um "punch" especial com a guitarra rasgada de Marreco. Em aproximadamente uma hora e meia de show, a banda levou ao palco uma parte preciosa do seu legado, concentrado principalmente no álbum *Fairy Tales*.

Músicas como *Lycanthropia*, *Genebra*, e *Morbid* responderam pelos momentos mais eletrônicos do show e tiveram a fidelidade dos timbres originais mantida. E o melhor de tudo, entoadas pelo vocal espectral e coberto de efeitos de Hansen. Ele ficou mais velho, mais perturbado em sua performance de palco e, acredite se quiser, seu gogó está com tudo em cima. A avalanche de efeitos vindos de seus *gadgets* contribuiu para uma atmosfera única.

Uma impressão entre os fãs foi unânime: o ***Harry*** nunca soou tão rock quanto nesta noite. Aliás, o termo punk rock se adequaria melhor ao momento. E esta impressão foi comprovada nos shows que se seguiram no decorrer do ano passado, como o **Machina Redux** no **Coppola Music**, que uniu no mesmo evento a nova e a velha geração do electro-rock, cada um com a sua identidade e sonoridade próprias.

Com uma qualidade de som notável, o lugar onde aconteceu o **Machininha** se parecia com aquelas casas noturnas onde rolam shows alternativos em algumas das metrópoles mais "quentes" do planeta. Poderia ser Nova Iorque, Berlim, Londres, Viena... No setlist, faixas novas que farão parte do novo álbum do ***Harry***, ainda sem data prevista para lançamento. Ao que tudo indica, será um álbum visceral e, provavelmente, o mais punk até agora.

Em julho, foi a vez do **Sesc Pompéia** receber o sexteto. Note bem que, no decorrer desta narrativa, os protagonistas são seis, e não quatro, como a maioria se recorda do ***Harry*** em períodos anteriores de sua história. A banda integrou a programação do festival **Ampli Vol.2** e comprovou que está em sua melhor forma. Os momentos eletrônicos, mais uma vez, foram distintos e isolados durante a apresentação, recheada por uma sonori-

dade pós-punk e, ao mesmo tempo, muito atual.

O último show de 2006 foi realizado no **Centro Cultural São Paulo**, no mesmo palco em que, por coincidência, fizeram um de seus últimos shows, há aproximadamente dez anos. Com o som impecável e uns "gravões" que fizeram vibrar o chão abaixo das primeiras filas de cadeiras, o ***Harry*** fez uma apresentação antológica com duas horas de duração.

Devido à ausência do baterista, que não pôde participar por motivos de força maior, optaram por um plano B, que resultou numa das performances mais eletrônicas da banda em anos. As bases de bateria eletrônica foram remasterizadas e, em alguns casos, até remixadas. Basta mencionar que o kick de *Genebra* soava como as produções de techno alemão da segunda metade dos 90, aquelas que rolavam na Trésor antes da última invasão minimalista.

A introdução do show ficou por conta de colagens experimentais executadas por Verta, que "mandou ver" alguns arpeggios sublimes e de sonoridade estritamente sintética, com o seu **Mini Korg**.

Enquanto não cantava, Hansen perambulava de um lado para o outro, como que praguejando para os quatro ventos imaginários, bem ao seu estilo.

No meio do show o vocalista partiu para uma missão de reconhecimento rumo ao breu escondido por trás das cortinas, que estavam atrás do palco. E por lá ficou por mais de dois minutos, enquanto os remanescentes da banda se entreolhavam com ar de estranheza. Eis que Hansen adentrou novamente ao palco, pelo lado oposto de onde havia se infiltrado, para a alegria de uns e alívio de outros.

Músicas nunca antes tocadas ao vivo como *Stories* e *Stephanie Jensten*, ambas do álbum *Vessel´s Town*, foram uma das grandes surpresas do setlist, que contou até com a cover de *Boad Poachers* do Steeleye Pan. Conforme a programação original, o show deveria acabar com *Chemical Archives*, mas o pedido de bis foi inevitável e o público não arredou o pé da sala **Adoniran Barbosa**.

O pedido foi atendido com mais uma da safra das novas e inéditas. A escolhida foi *Soaring*, que lembrou o **Harry** nos melhores momentos de *Vessel´s Town*, num perfeito equilíbrio entre o rock e a música eletrônica. Não adiantou a banda agradecer e se despedir, exigiram mais uma música.

Após uma pausa de dois minutos para eventuais acertos, a banda encerrou o show com uma versão estendida de *Phoenix*, para a completa satisfação dos presentes.

por Luis Depeche


O ROCK ALTERNATIVO EM
TODAS AS VERTENTES
macondo . serafim valandro, 643 - santa maria - rs
www.macondolugar.com.br



Ronan Harris. **VNV Nation**.
foto:Wandeclayt M.



Mark Jackson. VNV Nation.
foto: Wandeclayt M.

VNV NATION

VNV Nation** (Underground Nation Party, Odissey Club - Sao Paulo - 26.08.2006)* Apostar na vinda do ***VNV Nation ao Brasil seria algo inpensável em nosso passado recente. Apesar de ***Front 242*** (em apresentação mais que tardia), ***Clan of Xymox***, ***Vomito Negro***, ***Neon Judgement*** e outros ícones do cenário alternativo dos anos 80 terem passagens memoráveis por nossos palcos, nomes de peso do cenário atual ainda não tinham recebido a devida atenção dos produtores.

O ***VNV Nation*** quebrou este tabu em grande estilo. Em evento produzido pela **Indie Records/Lado Z** (os mesmos responsáveis pela apresentacao em São Paulo do ***Front 242*** em 2003) o evento teve estrutura e organizacao impecáveis - detalhes menores como os pequenos e alagados banheiros da casa não diminuiram em nada o brilho da noite. A estrutura de palco nada ficou devendo ao que se pode ver no DVD *Past Perfect*.

O show com duração prevista de 90 minutos, acabou atingindo a marca de duas horas. O contagiante carisma e inesgotável energia do frontman Ronan Harris eram refletidos na empolgação do público. Energia também era palavra de ordem para o baterista e grandalhão Mark Jackson, responsável por vigorosamente espancar os drumpads no palco.

Conversando e interagindo com o público durante todo o show, elogiando a resposta da audiência e prometendo uma volta aos palcos brasileiros, Ronan manteve-se durante todo o tempo em conexão com a extasiada platéia.

Transcendendo o universo das canções pré-sequenciadas para apresentações ao vivo, o ***VNV*** trouxe versões retrabalhadas de seus hits, chegando ao ponto de causar confusão para os mais desavisados (houve quem pedisse Joy imediatamente apos ela ter sido tocada!)... A resposta bem humorada veio do palco: “Por que vocês ficam gritando o nome de faixas que ja tocamos? Veja so, ja tocamos *Joy*, *Honour*, a *Moonlight Sonata* e um album do ***Sepultura***, mas vocês devem ter chegado atrasados. Agora vamos tocar um pouco de Jazz!”

Durante todo o show, centenas de vozes entoavam em unissono os hinos futurepop do ***VNV***, culminando numa versão à capella de *Beloved*. Ponto alto de uma noite que se manteve o tempo todo nas alturas. Mesmo para os mais ortodoxos, que torcem o nariz para o futurepop, o show foi um bombardeio intravenoso de adrenalina sonora e não havia ali uma viva alma que não tenha vibrado ao som pulsante de *Electronaut*, o ato final instrumental performado por Ronan e Mark tocando seus synths sobre as bases sequenciadas. Coroação perfeita para um show que insiste em ressoar em todos os ouvidos que estiveram presentes.

por Wandeclayt M.

BUCK NAKED AND THE BARE BOTTOM BOYS

*por Marcelo MOB**

Buck Naked and the Bare Bottom Boys foi formado em São Francisco, Califórnia. por volta de 1987. Seu som era uma mistura de rockabilly e country e foi frequentemente comparado ao som do ***The Cramps***, mas devido a conotação sexual das letras e a postura da banda nas apresentações acabaram ganhando uma classificação musical própria chamada de *pornobilly*.

O nome real de *Mr. Naked* era Phillip Bury, os outros membros eram seu irmão Stephen Bury que usava o nome de *Hector Naked* e David Wees que usava o nome de *Stinky LePew*.

As apresentações eram algo a parte, *Mr. Naked* costumava se apresentar somente com suas botas e chapéu de cowboy, óculos escuros, sua guitarra e um desentupidor de vaso sanitário como tapa sexo . Apesar do nome os outros membros eram mais discretos, mas não eram ortodoxos. Por esses motivos um de seus shows teve destaque na primeira página do *Wall Street Journal*, quando um grupo de religiosos fez um protesto contra a obscenidade que eram os shows, e em suas palavras "livrar a cidade do demônio e dos espíritos maus".



Mr. Naked e seu irmão trabalharam por um tempo em uma casa de shows em Berkeley, Califórnia, durante o fim dos anos 80, onde ajudaram algumas grandes bandas como: ***The Cure***, ***10000 Maniacs*** e ***Chris Isaak***, durante o inverno e a primavera de 1987. Infelizmente em 1992 no parque Golden Gate um homem chamado Michael Kagan que tinha problemas mentais e passava o tempo todo alimentando os pombos, assassinou Mr. Naked quando ele passeava com seu cachorro pelo parque, somente porque o cachorro assustou os pombos.

Em vida a banda só lançou um EP, chamado "Teenage Pussy From Outer Space". Após sua morte em 1993 foi lançado um álbum homônimo com algumas faixas a mais. Hoje esse álbum vale uma graninha boa na internet.

Depois da sua morte um show tributo foi feito na cidade natal da banda. Muitas bandas locais que eram ligadas a Mr. Naked tocaram. Uma musica em particular chamou a atenção de todos, "Fuck You Buck," feita para a ocasião e tocada pela banda Omaha Town Crier. A letra da musica foi escrita pelo vocalista Scintilla Teric, um grande amigo de Buck. Algumas pessoas se sentiram ofendidas, mas Scintilla disse "Buck entenderia" e a musica acabou se tornando a principal canção da banda.

Sem sombra de dúvidas "Buck Naked and the Bare Bottom Boys" é uma da bandas mais incríveis e fantásticas que conheço. Com suas letras debochadas, seu jeito cômico, toda a sacanagem e conotações sexuais, a banda conseguiu deixar impressa sua marca única no mundo do rock. Todas as músicas merecem ser escutadas, mas o destaque fica mesmo para as faixas "Teenage Pussy From Outer Space" e "Sit On My Face". Dou cinco estrelas para a banda, realmente vale muito a pena conhecer o som dos caras!!!

*[*Marcelo MOB é um dos mentores do Decubito Dorsal Webzine, zine virtual de música eletrônica/ industrial que circulou no final dos anos 90. Além do cenário gótico-industrial, acompanha a cena Rockabilly e é o correspondente do :\Overclock> Zine nessa departamento. http://www.fotolog.com/ powermob]*

HEY, NEW RAVE!

por Calixto Bento*



***the cloud room*.**



***metroidE*. Cell Maschmann e Wagner Pacheco.**

Desconfio que nosso conceito de futuro seja algo muito antigo, e esperar que algo evolua constantemente é no minimo frustrante. Sempre algo novo. Se você ficou de cabelo em pé com as bandas que misturaram "*tecno*" com guitarras no final dos anos 90 (eu sei que não era...mas se dizia isso...fazer o que?), vejo em você uma ponta de sorriso com as "novidades". Soar datado é o novo hype!

Antigo, arcaico, retrô...desgraçadamente tosco (contextualizado se leva em consideração as limitações técnicas de gravação e etc é "aceitável").

Passei 5 anos sem ouvir lançamentos graças a bandas como ***Strokes*** (que dentre essas ainda me agrada, mas eu não compro, nem baixo.), ***Kings of Leon***, ***Hives***, ***Vines***, ***White Stripes*** (e derivados) dentre outros...

Até que 20 anos após o ***New Order*** escrever (essa que inclusive esqueceu do que escreveu) a cartilha do "pop dançante feito com guitarras" essa ficha caiu, pra uma banda, eu acredito. Como o nome sugere, *Echoes* do ***The Raptures*** (2004), reverberou de forma potente e genial. Todos os lançamentos que escuto hoje beberam dessa fonte. *Raise the Alarm* do ***The Sunshine Underground*** abusa de elementos *disco*, baixos complexos e vocal gritado para fazer a melhor imitação do ***The Raptures*** que eu já ouvi. Se eu quisesse fazer uma festa com um só CD, seria esse.

New Young Pony Club parece o ***CSS*** (Cansei de Ser Sexy... lembra?) melhor produzido mas não menos pretensioso. O Disco de estréia "Fantastic Playroom" é excelente. Escuto nesse disco um pouco de ***Devo***, de ***B52´s***...e outras coisas saborosas.

Certo vamos buscar as novas na campanha da Pepsi. Hey now now é uma boa pedida. Melhor, uma forma de serotonina musical, 97% pop com a tempos eu não escutava. O disco homônimo do ***The Cloud Room*** é dançante e criativo. São três exemplos alem do ***Klaxons*** dentro desse balaio *New Rave* atual em que tudo se encaixa (ou se adapta). É muito simples. Não precisa ser pesado e desgastante. Não se leve muito a sério.

metroidE

Consoles de **Nintendo** e ideias armazenadas durante uma convivência de 5 anos. Inspiração e sonhos do casal Wagner Pacheco (*Bass, drums, programming*) e Célia Maschmann (*Guitars, vocals*) compõem o primeiro CD - *Disco Axolotl* – da banda ***MetroidE*** (*Esteio-RS*).

Híbrido de guitarras shoegazzer e teclados etéreos a banda cruza em frente a influências de ***Placebo*** e ***She Wants Revenge*** com momentos tão complexos quantos os mapas que a Samus carrega no jogo com facilidade. O nome tem origem na série *Metroid* da **Nintendo**.

Célia tem uma voz contida e doce em bom e velho português. Pessoalmente, com um timbre bem parecido com a de Toni Halliday (***Curve***).

Wagner tem sérios antecedentes com programação eletrônica e guitarras pesadas com o, agora extinto, duo ***Supermozart***.

Muito bem gravado e produzido, as faixas já disponíveis de *Disco Axolotl* causam um certa impaciência aos que esperaram pra ouvi-los ao vivo. Para acalmar essa impaciência vale conferir as faixas do duo no **myspace** e esperar o lançamento do álbum.

http://www.myspace.com/metroidemetroide



*[*Calixto Bento é vocalista e guitarrista da banda* ***Palo,*** *atleta de fim de semana e designer. Em outra vida foi ator de pornochanchada. Nesta ele está mais tranquilo]*

MODEL: GISLAINE .DEVIANTART.COM | PHOTOGRAPHY: WANDECLAYT.DEVIANTART.COM | ©WANDECLAYT M. 2007

Cybersubculturas e Cybercenas.
Breves reflexões sobre a cena electro-industrial na Internet

Adriana Amaral
Doutora em Comunicação, Pesquisadora de Cibercultura
http://projetodmonia.blogspot.com

A análise das práticas sociais e de consumo em torno da música têm sido objeto de pesquisas no campo dos estudos culturais, da antropologia, sociologia, e da comunicação desde o século XX. A partir da disseminação das tecnologias de comunicação é notória a problematização de conceitos como subcultura, cena, movimento e mesmo de comunidade em um contexto diferente do qual eles foram originalmente formulados, uma vez que tais práticas necessitam ser compreendidas no âmbito das formações sociais fluidas e complexas que se apresentam desde a teatralidade urbana dos *clubs*, das lojas de discos, da mídia especializada, até o ciberespaço, nos quais a sociabilidade urbana apresenta uma riqueza de fenômenos empíricos. As alianças formadas por afinidades de gosto que transitam por entre as ruas na vida offline, parecem se auto-apresentar e se autopromover com ainda mais força na vida online.

No presente artigo, partimos da problematização do conceito de "cena" apresentada por Straw e da noção de cybersubcultura (BELL, 2000, CASPARY & MANZENREITER, 2003) para propor uma análise introdutória – cujo objetivo maior é um mapeamento e tipologia das cenas inseridas nessa subcultura através da etnografia virtual - das práticas sociais e comunicacionais da "cybercena" *electro-industrial* na Internet.

Nosso foco é o papel da auto-apresentação e auto-promoção dessa subcultura particular que, através dos múltiplos usos da Internet, conferem ao online mais um espaço social, um local de trocas, críticas, discussões ou mera demarcação de pertencimento dos elementos constituintes de uma possível "cybercena". Seria possível então que as redes de relacionamento do ciberespaço re-elaborem as hierarquias dos participantes em uma cybersubcultura? De que forma a fala dos participantes faz eco aos conceitos?

A partir dos estudos pós-subculturais dos anos 90,

> "proliferam novas terminologias (canais, subcanais; redes temporárias de subcorrentes, cenas; comunidades emocionais; culturas club; estilos de vida; neotribos), em substituição ao conceito de subcultura, cujo valor heurístico – alega-se – solapa diante das mutáveis sensibilidades e múltiplas es-

tratificações e interações das culturas juvenis do pós-punk". (FREIRE FILHO, 2005)

Tais terminologias fornecem pistas valiosas para o entendimento dos estudos pós-subculturais, mas não cremos que substituam o conceito de subcultura. Compreendemos a utilização dessas terminologias enquanto parte do próprio léxico da gramática subcultural. Interessamo-nos por descrevê-las no contexto da comunicação mediada por computador, e de que formas as transformações terminológicas podem apontar para mudanças ou não nas práticas sociais dos seus participantes.

Enfatizamos a utilização indistinta do conceito de cena e sua migração para o ciberespaço. Segundo Will Straw (2006), o termo cena tem sido usado para designar fenômenos e locais tão distintos quanto bares, movimentos musicais, globais ou locais, entre outros. Cena parece, por exemplo, caber na flexibilidade de exemplos como a cena *psychobilly* ou as movimentações subculturais localizadas ("a cena carioca") ou globais.

> "Scene will describe unities of highly variable scale and levels of abstraction. "Scene" is used to circumscribe highly local clusters of activity and to give unity to practices dispersed throughout the world. It functions to designate face-to-face sociability and as a lazy synonym for globalized virtual communities of taste[1]". (STRAW, 2006, p.06)

Percebemos essa utilização intensa de "cena" mesmo na fala dos seus participantes: "É comum perguntarmos como é a cena em um determinado lugar" (WTek, músico e produtor de eventos electro-goth/industrial)[2]. Quando questionado pela revista belga Side-Line, Andy LaPlegua, vocalista da banda de electro-industrial *Combichrist* explica que os títulos dos seus EPs - "*With success comes bitching*" (Com o sucesso chegam as reclamações) e "*What the fuck is wrong with you people?"* (Que raios está errado com vocês?)- remetem ironicamente às próprias negociações entre os participantes da cena electro-goth: "It's basically about *this scene* in general. People don't like to see other people make it. People would rather bitch and complain"

Em relação específica à questão da cena musical, Straw (1997) destaca a importância da comunicação na construção de práticas e de alianças musicais.

> "A musical scene is a cultural space in which a range of musical practices coexist, interacting with each other within a variety of processes of differentiation, and according to widely varying trajectories of change and cross-fertilization[3]" (STRAW, 1997, p.494).

Já em um artigo mais recente, Straw (2006) rediscute essa concepção, afirmando que as cenas são vividas enquanto *efervescência* que proporciona práticas e espaços organizados, sejam eles a favor ou contra as mudanças. Percebe-se então que o conceito de cena, embora elástico, ainda guarda alguma relação com a noção de espaço dentro dos centros urbanos. Mas e quando as noções geográficas, sociais e culturais de espaço se alteram em função do ciberespaço? De que maneira o conceito de cena acompanha ou não tais rupturas?

A partir de uma primeira inserção ao campo, observamos que essa concepção ligada ao espaço e às práticas, por um lado se mantém tanto discursivamente (na fala dos participantes e no discurso das mídias jornalísticas especializadas) quanto nas trocas offline (no espaço dos clubs, lojas de roupas/discos, etc) ou online (nos websites, fóruns, e-zines, blogs, Orkut, discussões via MSN, etc e, no próprio MySpace).

A cena "acontece" ou é construída, apartir do espaço onde ocorrem as trocas, hábitos e práticas sócio-comunicacionais, tanto em nível macro (global) como em nível micro (local). É pertinente falarmos então, em cenas, uma vez que, elas ocorrem ou de forma simultânea ou de forma alternada. Analisamos a virtualização das cenas – os espaços de trocas dentro do ciberespaço – enquanto um fator dependente do crescimento e da consolidação, tanto dos estilos e subestilos musicais quanto das próprias subculturas.

As diferentes cenas parecem ser mais um entre os tantos elementos e terminologias da complexa gramática subcultural, não sendo uma substituta conceitual da mesma. O uso do termo subcultura aqui pode apresentar uma determinada ambigüidade, contudo tendemos a concordar parcialmente com a revisão do mesmo feita pelos estudiosos pós-subculturalistas, e é nesse contexto que o utilizamos. Vejamos então como se constitui a proposta do termo cybersubcultura e de que forma ele dialoga com as cenas.

Para David Bell, cybersubculturas são "social formations that either signal an expressive relationship to digital technologies (...) or make use of it to further their particular project[4]" (Bell, 2000, p. 205). Em seu estudo sobre as raves, McCall (2001) também aponta

1 *Cena* descreverá unidades de escalas e níveis de abstração altamente variáveis. *Cena* é utilizada para circunscrever focos de atividade local e para dar unidade a práticas dispersas através do mundo. Ela funciona para designar sociabilidade face a face e como sinônimo preguiçoso para comunidades virtuais globalizadas de gosto.

2 Depoimento colhido via MSN, dia 12 de janeiro de 2007. A entrevista completa integra o mapeamento da cena electro-goth brasileira (ainda em desenvolvimento) através do método de etnografia virtual.

3 Uma cena musical é um espaço cultural no qual uma miríade de práticas musicais coexistem, interagindo umas com as outras dentro de uma variedade de processos de diferenciação e de acordo com amplas trajetórias variáveis de mudança e trans-fertilização.

4 formações sociais que tanto sinalizam uma relação expressiva com as tecnologias digitais (...) ou que fazem uso das mesmas para ampliar o seu projeto particular.

essa apropriação das tecnologias pela subcultura raver.

> "Rave´s relationship with technology spreads much further than the Internet. With its inherent relation to digitalization and computers, electronica is not only the anthem of rave, but is often equated with a wider cyber aesthetic.[5]" (McCALL, 2001, p.127).

Os fortes laços entre tecnologia e a própria subcultura aparecem também na análise da cena *Noise Japonesa*. como explicam Caspary e Manzenreiter (2003, p. 62), por ser um estilo que "relies heavily on digitalized production work (so-called "industrial music") as well as personal computer usage and computer networks to disseminate its products, the deliberate "cyborgization" of the subculture seems to be inevitable."

No entanto, a noção de Bell sobre cybersubcultura é criticada por Caspary e Manzenreiter (2003, p. 63) como demasiadamente ampla, tendo perdido o fio condutor que distingue uma formação subcultural do chamado *mainstream*. Para os autores, essa categoria indefinida pode ser aplicada à

> "social formations whose members pursue a non-commercial, subcultural project that is essentially dependent on communication technology for its existence. We recognize a cybersubculture when the relationship between technology, on the one side, and the social structures and communicative processes that constitute the community, on the other, are so intimate that *without technology, this subculture would cease to exist*[6]". (CASPARY e MANZENREITER, 2003, p. 63)

A definição dos autores parece esclarecer a questão da mera transposição de uma subcultura para o contexto do ciberespaço e de uma subcultura na qual as tecnologias já são em si mesmas um fator essencial para o seu nascimento e disseminação. Assim como no caso da cena Noise japonesa, estilos como o *Industrial*, o *Darkelectro*, o *Synthpop*, *Futurepop*, *EBM*, *Hellectro*, *TBM*, entre outros também possuem sua produção dependente de instrumentos digitais como computadores, samplers, baterias eletrônicas, etc, mesmo que, muitas vezes, em sua visualidade/sonoridades próprias tais estilos sejam associados – principalmente por parte dos membros de outras subculturas dentro da música eletrônica como o *techno* ou o *house*, por exemplo – à chamada "low-tech" (tecnologias mais antigas que tornam-se cultuadas).

Além disso, a própria temática "tecnologia" aparece no discurso dos produtores, DJs, bandas, seja em capas de álbuns, letras, entrevistas, moda, etc. Embora, uma de suas matrizes subculturais seja o gótico/darkwave dos anos 80 – cujo foco estava centrado mais no rock pós-punk – a subcultura *electro-goth/industrial*, assumiu também sua influência advinda da música eletrônica como o techno e o electro. Sob esses aspectos, essa subcultura pode ser considerada uma cybersubcultura, uma vez que, sem os elementos tecnológicos ela não teria como surgir nem como se disseminar e ganhar novos adeptos.

Apesar dessa definição de cybersubcultura parecer mais apropriada, ainda assim, ela contém um caráter discutível, principalmente no quesito "projeto não-comercial" a que ela se refere. Uma vez que as ferramentas tecnológicas como sites, e redes de relacionamento como o MySpace também funcionam como parte do marketing e da auto-promoção (através da divulgação de *press-releases*, agenda de turnê, arquivos de áudio, fotos e vídeos e até venda de ingressos online, etc), torna-se problemática a utilização desse termo.

No entanto, se pensarmos na conotação que o termo não-comercial possui dentro da linguagem subcultural, entendemos que ele não exclui o comércio em si (principalmente no quesito de estimular os fãs a irem aos shows e a comprarem o material produzido pelas bandas – focado em um segmento de fãs que apreciam os estilos – mas sim, que o projeto não foi feito com o objetivo de agradar a "públicos maiores" e às grandes gravadoras. Essa é uma possibilidade de entendimento do termo dentro do próprio universo da subcultura em questão.

Se o termo não-comercial for substituído pelo não menos controverso termo *underground*, ainda estaríamos no campo das oposições simplistas que não dão conta do complexo fenômeno da cooptação dos estilos subculturais pelo *mainstream*, como Caspary & Manzenreiter (2003) mesmo indicam.

> Nowadays, it seems that a strict binary system of underground versus mainstream music cultures (and at the same time groups that can be mapped solely by styles or genres) has vanished completely. The question of whether a musical style, a group of fans or a group of musicians is articulating something different, new or innovative, something that points out of this place, needs to be mapped in a much more sensitive way[7]. (CASPARY & MANZENREITER, 2003, p. 63)

5 O relacionamento das raves com a tecnologia vai muito além da Internet. Com a sua inerente relação com a digitalização e com os computadores,eletrônica não é apenas o hino da rave, mas também é equiparada com uma cyber estética mais ampla

6 formações sociais cujos membros perseguem um projeto subcultural não-comercial que é essencialmente dependente da tecnologia de comunicação para sua existência. Nós reconhecemos uma cybersubcultura quando a relação entre tecnologia, de um lado, e as estruturas sociais, de outro, estão tão íntimas que sem aquela tecnologia, essa subcultura deixaria de existir

7 Atualmente, parece que um sistema estritamente binário de culturas musicais underground versus mainstream (e ao mesmo tempo, grupos que podem ser mapeados somente por seus estilos e gêneros) desapareceu completamente. A questão de quando um estilo musical, um grupo de fãs ou um grupo de músicos está articulando algo diferente, novo ou inovador, algo que chame atenção, precisa ser mapeado de uma forma muito mais sensitiva

Um exemplo dessa complexidade está na entrevista de lançamento do álbum mais recente da banda eslovena de industrial/experimental Laibach. Questionado pela revista belga Side-Line sobre a escolha de um produtor de mixagens (P-Dub) que trabalhou com artistas eletrônicos de caráter mais pop como Goldfrapp, Björk e até mesmo Madonna, o vocalista Alexei Monroe respondeu: "If he is good enough for Madonna, he should be good enough for Laibach as well!" O que seria algo contestado e discutido há alguns anos na subcultura é aceito como transformador dentro desse contexto. "A cena gótica atual abraça avidamente as novas tecnologias e as possibilidades que elas oferecem – em particular aquela que permite a exploração do território sombrio enquanto desfruta do sucesso comercial". (BADDELEY, 2005, p.263). Essa dificuldade em mapear e delimitar uma subcultura em relação às questões não-comerciais ou *underground* reflete o mesmo dilema que os seus participantes encaram, seja nas discussões entre os fãs/produtores a respeito de "autenticidade" e do velho clichê dos "sell-outs[8]".

De volta à questão da cybersubcultura, percebemos que sim, a noção é pertinente para dar conta de subculturas que têm na tecnologia sua principal ênfase desde sua constituição – como o caso dos *hackers* ou os *clubbers* e na *electro-goth/industrial* – bem como todos as subculturas surgidas a partir da sociabilidade proporcionada pela música eletrônica - na qual a tecnologia é uma de suas forças constituintes centrais - até a produção (no caso da música eletrônica no qual os instrumentos são tecnológicos), divulgação, distribuição e disseminação de seus conteúdos através da Internet, dos celulares, das plataformas/redes sociais, wikis, blogs, enfim, do aparato digital do qual elas não podem ser excluídas. Contudo, o termo parece carecer de sentido quando aplicado às subculturas que não possuem uma vinculação direta com a tecnologia, mas que meramente transpõem seus dados físicos e os seus relacionamentos offline para o online.

Enquanto o termo cybersubcultura abrange as relações implícitas numa subcultura, ou seja, as implicações da mesma com os aspectos tecnológicos, sua moção ou força essencial de criação; a noção de cena nos ajuda a compreender de que maneira os participantes fazem uso de suas práticas e em quais espaços, hierarquias e níveis (micro/macro,online/offline). Assim, as duas terminologias podem ser utilizadas, não como sinônimos, nem como oposições, mas como elementos complementares para o entendimento basilar da sociabilidade pós-subcultural.

Conforme nos apontam nossas primeiras aproximações com o campo, ao contrário de subcultura – que desdobrou-se no termo cybersubcultura – e que surgiu a partir de ruminações teóricas a partir do empírico; o termo cena foi transposto para os espaços virtuais, adotado tanto pelos veículos especializados – no caso dos estilos musicais ou de vida – quanto pelos próprios integrantes - produtores e audiência, que muitas vezes são os mesmos - dessas subculturas. Talvez por sua flexibilidade e sensibilidade (apontada por Straw), e/ou mesmo por seu uso jornalístico, a noção de cena permanece no ciberespaço e parece repercutir com mais ressonância dentro e fora das cybersubculturas como um vocábulo "coringa", ou seja utilizado extensivamente por analistas e por participantes da cena.

Pensamos em cybersubcultura enquanto uma categoria de fundo, mais abrangente de um contexto que está além da música; e cybercena como cada espaço de apresentação tecnológica de auto-apresentação e auto-promoção das subculturas (sites oficiais e não-oficiais dos artistas, fóruns de discussão, blogs, fotologs, perfis e comunidades no Orkut e no MySpace, etc). Uma vez compreendidas as categorias no âmbito dessa pesquisa, prosseguiremos com uma breve descrição da cybersubcultura electro-goth/industrial com enfoque nas práticas sociais observadas nos primeiros contatos.

No presente *paper* optamos pela utilização do termo *electro-goth/industrial* em vez de apenas *industrial* pelo estilo ser apenas um dentre os vários estilos de música relacionados a essa cybersubcultura. Salientamos que o uso do termo industrial nesse caso específico é uma espécie de "genérico", vago e passível de críticas apenas como forma de identificação mais visível da subcultura, pois além do industrial, os adeptos da subcultura também escutam outros estilos e subestilos musicais. Outro fato que influenciou a opção por esse termo, é que nos anos 90, houve uma apropriação do termo "música eletrônica" pela mídia em geral para designar subcultura *raver/clubber*, o que deixou sem uma nomenclatura específica os produtores e fãs das têndencias eletrônicas mais obscuras.

Por outro lado, seria mais fácil utilizar a terminologia cybergótico, termo que facilitaria a compreensão do fenômeno e o apresentaria de forma mais visual. No entanto, como procuramos compreender cada fenômeno sociológico a partir de suas características internas, com a segmentação dentro da própria cybersub-

8 Em português "vendidos". No discurso dos membros da subcultura há um circuito de reclamações sobre autenticidade/legitimidade que ocorre nos espaços onde se dá a cena e que é constantemente discutido pelos seus adeptos. A fala do produtor Andy la Plegua (Combichrist) explicita essa preocupação: "Before a band gets a club hit, everybody is bitching about the bands that are played out on the clubs. Then, as soon as their favourite band is being played, they bitch about that too, because then they don't wanna hear it anymore... because then its a '*sell out*' and *over-played*. Whatever. Suicide Commando's 'Hellraiser' is way overplayed, but it wouldn't have been played this much if it sucked. The reason why things are played, is because people want it". Disponível em: http://www.side-line.com/interviews_comments.php?id=18675_0_16_0_C. Acesso em 13/12/2006.

cultura, cybergótico acabou designando uma das cenas dentro da cultura do industrial. Paul Hodkinson (2002, p. 68) nos apresenta sua definição de cybergótico como um cruzamento entre os *clubbers/ravers* e os góticos, tanto na mistura visual como na adoção de estilos musicais mais sombrios.

Embora todos sejam elementos importantes dentro da cybersubcultura, percebe-se que as noções de hierarquia de ordem social, da qual nos falam Caspary e Manzenreiter (2003) continuam a existir de forma sutil, mesmo que dentro de um domínio, aparente e discursivamente de maior liberdade como é o caso da Internet. No domínio informal tanto do boca-a-boca quanto das discussões em fóruns, etc, depreende-se que os *rivetheads* possuem uma atitude mais crítica e distópica em relação às tecnologias, enquanto os cybergóticos a abraçam de forma mais positiva ou mesmo de deslumbramento. A cybersubcultura da qual essas cenas fazem parte, possuem práticas e usos próprios da rede que influenciam, principalmente suas maneiras estéticas e estilísticas de auto-apresentação e auto-promoção, seja na construção dos seus perfis e avatares online, seja nas discussões em fóruns, etc e mesmo na produção do seu conteúdo.

Com a segmentação das cenas dentro da categoria maior chamada música eletrônica (a partir da década de 90 surgiram muitos estilos e subestilos criando cenas paralelas), não é mais possível falar das cybersubculturas da música eletrônica de forma generalizada, pois perdem-se nuances, muitas vezes sutis, das diferentes noções de alteridade e subjetividades, dos hábitos, comportamentos, usos e práticas que cada segmento faz das ferramentas tecnológicas.

Nesse artigo, introdutório na questão de análise da cybercena *electro-goth/industrial*, tensionamos a discussão sobre as noções de cena e de cybersubcultura, procurando apontar exemplos práticos e características encontradas na discursividade e na auto-apresentação e auto-promoção de seus integrantes via rede. Por se tratar de uma primeira exploração do campo, não tratamos das práticas relativas à relação produtor-audiência, das convergências de gosto, assim como a própria utilização e apropriação das mídias "tradicionais" (como fanzines, revistas, etc). É preciso, em novas pesquisas concentrarmo-nos na repercussão dessas questões dentro desse cenário complexo e heterogêno.

Referências Bibliográficas:

AMARAL, Adriana. *Visões Perigosas: uma arque-genealogia do cyberpunk. Comunicação e cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

BADDELEY, Gavin. *Goth Chic. Um guia para a cultura dark.* Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

BELL, David, KENNEDY, Bárbara M (ed.). *The cybercultures reader*. New York: Routledge, 2000.

CASPARY, Costa, MANZENREITER, Wolfram. From subculture to cybersubculture? The Japanese Noise alliance and the Internet. In: GOTTLIEB, Nanette, McLELLAND, Mark (ed). *Japanese cybercultures*. New York: Routledge, 2003. pp.60-74.

FREIRE FILHO, João. Das subculturas às pós-subculturas juvenis; música, estilo e ativismo político. In: *Revista Contemporânea*, Salvador, vol. 03, n.01, junho de 2005. Disponível em: <http://www.contemporanea.poscom.ufba.br/6%20joaof%20j05w.pdf> Acesso em 30 de jul. 2005.

GELDER, Ken, THORNTON, Sarah (ed.). *The subcultures reader*. London: Routledge, 1997.

HODKINSON, Paul. *Goth: identity, style, and subculture*. New York: Berg, 2002.

HINE, Christine. *Virtual ethnography*. London: Sage, 2000.

ISACKER, Bernard van. Laibach - If he is good enough for Madonna, he should be good enough for Laibach as well! *Side-Line Magazine*, 22 Dec. 2006. http://www.side-line.com/interviews_comments.php?id=19739_0_16_0_C

MERCER, Mick. *The Hex Files: the goth bible*, 1997.London: Batsford Books, 1997.

McCALL, Tara. *This is not a rave. In the shadow of a subculture*.New York: Thunder´s Mouth Press, 2001.

McNEALLY,Vlad. TBM or Techno, LaPlegua does ithis own way. *Side-Line Magazine*, november 03rd 2006. http://www.side-line.com/interviews_comments.php?id=18675_0_16_0_C Acesso em Nov.2006.

MUGGLETON, David, WEINZIERL, Rupert (ed.) *The post-subcultures reader*. New York: Berg, 2004.

MONROE, Alexei. Thinking about mutation. Genres in 1990 electronica. In: BLAKE, Andrew. *Living through pop*. New York; Routledge, 1999.

STRAW, Will. Scenes and sensibilities. In: *Revista E-Compós*, Brasília, Ed. 06, agosto 2006. Disponível http://www.compos.org.br/e-compos

STRAW, Will. Communities and scenes in popular music. In: GELDER, Ken, THORNTON, Sarah (ed). *The subcultures reader*. New York: Routlegde, 1997. pp.494-505.

THOMPSON, Dave. *The dark reign of gothic rock*. Helter Skelter Books, 1997.

THORNTON, Sarah. *Club cultures. Music, media and subcultural capital*. Connecticut: Wesleyan University Press, 1996.

:\GOTHAM BEGGARS SYNDICATE>

O inusitado trio porto alegrense de psychobilly **Damn Laser Vampires** *[http://myscpace.com/damnlaservampires]* mistura na mais correta proporção quadrinhos, guitarras e cinema de horror b. A banda foi formada em 2005 por *Ronaldo Selistre* (guitarras, voz), *Francis K* (guitarra) e *Marcos Lemos* (bateria). Em setembro de 2006 *Michel Munhoz* assume as baquetas e chegamos à formação atual dos **DLV**. No palco a banda transborda energia, carisma e atitude. Fora dele, esbanjou simpatia num bate papo descontraído após seu show no bar Macondo em Santa Maria - RS, onde nos contaram um pouco de sua trajetória e dos planos para o futuro próximo. Seu álbum de estréia - ***Gotham Beggars Syndicate*** - foi lançado em formato independente em CDR acompanhado de um fanzine editado pela guitarrista *Francis*. O fanzine - hoje esgotado - traz as letras do disco e chama a atenção pelo belo trabalho gráfico de *Francis* (vale salientar que os membros da banda são todos ilustradores e designers) e pelas bem humoradas fotos de *Flavio Barboza*. No zine, as letras da faixa título viraram quadrinhos no traço de *Ronaldo Selistre* e estão republicados abaixo. ***Gotham Beggars Syndicate*** será relançado ainda em 2007 pelo selo **Pisces Records** porém sem o zine que acompanhava a edição original.





SINDICATO DOS MENDIGOS DE GOTHAM!!! Comece a espalhar as notícias   Vou fazer isso com os meus chapas em volta   Vou fazer isso com os meus chapas em volta   Vou chegar à cidade grande com minha careta mais feia   Uns têm comida, outros têm dentes   Uns têm comida e dentes, e uma cama e uma esposa   e uma vida e um emprego e um carrão barulhento   e uma conta bancária cheia de razões   pra ter medo do escuro   Outros têm um banco no parque   Você é um gato na cozinha, eu sou um rato no armazém   E ao redor não tem ninguém   Deus nos deu esta cidade na tampa duma lixeira   Mas esta noite o banquete vai ser cinco estrelas   Somos o sindicato dos mendigos

The Gene Generation

The Gene Generation promete ser visualmente uma mistura de *Blade Runner* com *O Corvo (The Crow, 1994)*. A película cyberpunk já valeria a pena pela trilha sonora, assinada por *Ronan Harris* (*VNV Nation*) e *Combichrist* (do hit *this s*it will fcuk you up*), mas parece que consegue ser bem mais que um videoclipe industrial de 120 minutos!
O diretor *Pearry Reginald Teo* (confira entrevista nesta edição) iniciou sua carreira com o premiado curta de horror ***Liberata me***, em 2002. *Teo* é um legítimo porta voz da contra cultura industrial e com ***The Gene Generation*** assume seu papel como embaixador dos rivetheads, cyberpunks e fãs de EBM/industrial no meio cinematográfico.
O filme narra a história de Michelle (*Bai Ling*), uma assassina governamental com a missão de exterminar hackers de DNA. Mesmo permeado de lugares comuns - humanidade beirando a extinção, construção de uma cidade para abrigar os sobreviventes, etc, etc... - o filme consegue injetar elementos originais nos velhos *cyberclichés*. Com a humanidade beirando a extinção os governantes de Olympia, a ultima cidade do planeta, iniciam um processo de seleção natural forçada. Antes de construir uma nova cidade para abrigar os sobreviventes, o governo inicia uma triagem genética para selecionar os mais aptos à sobrevivência após a destruição de Olympia. Com isso surgem os hackers de DNA, especialistas em manipular códigos de DNA para garantir a aprovação nos critérios de seleção para a futura cidade. Aos assassinos contrados pelo governo para eliminar os hackers de DNA o passe para o derradeiro refúgio humano é garantido. O dilema da protagonista Michelle é que seu irmão é um dos hackers de DNA em sua lista de execução.



No meio do elenco de ilustres desconhecidos (muita gente fez ponta em filmes grandes, mas nada que chame a atenção) aparece uma *Faye Dunaway* em fim de carreira.
O desenho de produção é do brilhante *Chad Michael Ward*, fotógrafo e artista digital responsável por capas de *HMB* (projeto paralelo do *In Strict Confidence*), *Cruxshadows*, *Collide* e *Marilyn*



foto/arte: Chad Michael Ward © Teo/Ward Productions

Subproduto do filme, o single *Get Your Body Beat* do *Combichrist* saiu nos EUA pela Metropolis e na Europa pela Out of Line e traz 10 faixas incluindo remixes maquinados por pesos pesados como *KMFDM*, *Amduscia*, *Spetsnaz* e *Manufactura*.
O vídeo da faixa pode ser visto na página da banda no myspace.

Combichrist - Get Your Body Beat
Out of Line/Metropolis (2007)

01. Get Your Body Beat (Album Version)
02. Products (Life Composer Version)
03. What the Fcuk (exclusive track)
04. Get Your Body Beat (KMFDM remix)
05. Get Your Body Beat (Amduscia remix)
06. Get Your Body Beat (Spetsnaz remix)
07. Get Your Body Beat (Point45 remix)
08. Get Your Body Beat (Manufactura remix)
09. Get Your Body Beat (Sergio Mesa remix)
10. DNA AM (exclusive track)

http://www.genegeneration.com/
http://www.myspace.com/genegeneration
http://www.myspace.com/combichrist

filmes em tela grande,
com qualidade,
continuidade,
responsabilidade
e de graça...
somente nos cineclubes

cineclubes brasileiros,
80 anos de compromisso
com o cinema

frequente
um cineclube,
leve
um amigo
e conquiste
outros
tantos



CINECLUBE
LANTERNINHA
AURÉLIO

Projeto Cultural CESMA / desde 1978

PEARRY REGINALD TEO

Nascido em Singapura, o jovem diretor traz no currículo três curtas premiados em festivais e finaliza agora o longa ***The Gene Generation***, um ousado projeto de levar para as telas um filme de estética cyberpunk embalado por uma trilha de electronic body music e industrial. Por *MSN* conversamos com Teo sobre ***The Gene Generation***, seus novos projetos, sua ligação com o universo da música industrial e sua parceria com o artista Chad Michael Ward.

:\Overclock> O lançamento de ***The Gene Generation*** está sendo ansiosamente esperado. O que falta para a finalização do filme? Que expectativas podemos ter de vê-lo em salas brasileiras?

:\Teo> Bem, o filme deverá estar finalizado dentro de algumas semanas. Para mim ainda é difícil dizer se o filme chegará aos cinemas do Brasil porque essa é uma decisão do distribuidor e não minha. Tudo vai depender das pesquisas de mercado deles no final das contas.

:\Overclock> *William Gibson* Recentemente afirmou que a tecnologia avança hoje a passos tão rápidos que ele já não coloca mais suas histórias no futuro. Por outro lado, *The Gene Generation* se passa num futuro distópico distante. Como foi concebido o futuro mostrado no filme?

:\Teo> ***Gene Generation***, como os produtores o chamam, se passa no futuro. Pessoalmente, para mim, eu nunca direcionei o filme para o futuro, ou para um universo paralelo. ***Gene Generation*** é algo que sempre esteve na minha cabeça. Mas sem um "*tempo*" associado a ele. Por isso você não me verá usando foguetes ou carros voadores. Não quero introduzir um elemento temporal nele. Você pode chamá-lo de um filme de fantasia avaçada.

:\Overclock> A trilha sonora vai certamente agradar aos ouvidos dos fãs de EBM e industrial. Foi sua escolha ter *Ronan Harris* (***VNV Nation***) e *Andy La Plegua* (***Combichrist***) compondo a trilha do filme? Como música e literatura influenciaram a história?



foto: Chad Michael Ward © Teo/Ward Productions

:\Teo> Sim, e a duas semanas da conclusão do filme ainda estou brigando para incluir mais. Pessoalmente, *Ronan* e *Andy* influenciaram-me não apenas como artistas, mas como amigos. Música e literatura sozinhas tiveram pouca influência na história. Para mim a influência vem da cultura. E a cultura abrange a música, achei então necessário adaptá-la em ***Gene Generation***. Eu já estava cheio do jeito como o mundo olha para nossa contracultura, achei então que precisava fazer para os fãs de EBM e Industrial, o que ***O Corvo*** representou para muitos góticos.

:\Overclock> Focando na questão da audiência. ***VNV Nation*** e ***Combichrist*** conseguiram ampliar as fronteiras da EBM/Industrial incluindo novos elementos em sua música, e ambos têm hoje públicos muito mais diversificados que a restrita cena EBM/Industrial. Que público você aponta como o alvo primário de ***Gene Generation***?

:\Teo> Wow! Essa é realmente difícil de responder. Hahaha. Bem, eu posso apenas esperar que o público se inicie com nossa contra-cultura mas que ao final vaze para o mainstream. O que quero dizer com vazar para o mainstream é que as pessoas nos olhem com mais interesse e que nos enxergue como mais que um bando de anarquistas de visual fascista. Enquanto este é um filme que tem a nossa cultura como alvo, ele também tem o objetivo de seduzir e educar a audiência do mainstream.

:\Overclock> O desenhista de produção *Chad Michael Ward* também é conhecido por seu belo trabalho em videoclipes e capas de CD. De que liberdade ele

gozou para conceber a arte de ***Gene Generation***? Haviam linhas já definidas que ele deveria seguir? Quanto do visual do filme veio de *Chad* e quanto é concepção sua?

:\Teo> A colaboração foi completa. Geralmente eu começo lhe fornecendo um cenário. Ele então concebe algo, eu dou minhas opiniões e ele funde essas idéias. Até agora nunca discordamos em nada. Foi realmente muito divertido ter essa corrida criativa na fase de design. No final, tudo deu tão certo que fundamos nossa própria companhia e estamos dirigindo juntos o filme '***The 13th Hour***'.

No set, *Chad* fala em meu nome. Como quando, literalmente, ele chega e diz '*Pearry não vai gostar disso assim*'. Eu chego e digo que de fato odiei e *Chad* já tem uma maneira criativa de resolver o problema. É como se já nos conhecessemos de uma outra vida.

:\Overclock> Você pode nos falar mais sobre ***The 13th Hour***? De que fala o filme?

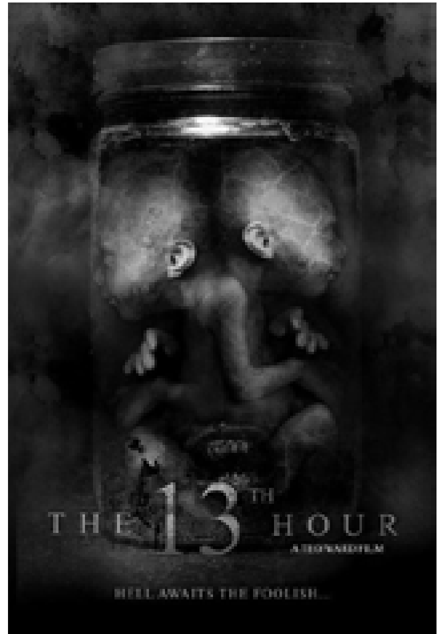
:\Teo> ***The 13th Hour*** é um filme que eu e *Chad* queriamos fazer juntos. Algo como os dois filmes em *Grindhouse*, embora não tão longos. Eu e Chad faremos, cada um, um filme de horror e os lançaremos juntos como um projeto unico. A idéia de cada um era explorar um tipo de horror diferente, mas com uma mesma estética. O filme de Chad é uma versão do conto de fadas do Príncipe Sapo. Chamase ***Fable***. O meu se chama ***Necromentia*** e é sobre um garoto que tatua uma tábua de Ouija nas costas para invocar demônios.

:\Overclock> Seu primeiro filme, ***Liberata me***, de 2002 recebeu prêmios como melhor curta de horror e recebeu bons comentários de público e crítica. Há planos de relançar esse trabalho?

:\Teo> Na verdade é isso que fiz em ***Necromentia***. Uma refilmagem de ***Liberata me***, com uma história melhor contada e com melhor visual.

:\Overclock> ***Liberata me***, foi rodado em mini DV, hoje, ***Gene Generation*** está sendo rodado num formato digital aprimorado que emula a película cinematográfica. Você ainda planeja rodar um trabalho em película ou a tecnologia digital já é satisfatória tanto para independentes quanto para estúdios maiores?

:\Teo> Bem, a maioria da pessoas não consegue diferenciar um trabalho bem feito em formato digital de alta definição e um trabalho igualmente bem feito em película. Já vi trabalhos em 35mm que pareciam vídeo, porque foram mal filmados. Eu acho que isso depende do cineasta, se ele tem a capacidade e os recursos para fazê-lo. E também do seu desejo de fazer algo realmente bom e não apenas '*rodar um projeto para se tornar um diretor/produtor*'.



THE 13TH HOUR.
PROJETO CONJUNTO DE TEO E CHAD MICHAEL WARD.

:\Overclock> Você gostaria de tecer mais algum comentário sobre ***The Gene Generation***? Deixe uma mensagem para os leitores do :**Overclock> Zine** que mal podem esperar pelo lançamento do filme.

:\Teo> Bem, eu gostaria, antes de tudo, de me desculpar pela longa espera. Não é fácil tentar conceber algo novo. É difícil explicar para as pessoas e colocar o projeto no rumo certo. É fácil, por exemplo, fazer um carro rodar. Outra coisa é dizer 'Vamos colocar aqui esse barco de junco chinês voador e ali e ali vamos colocar umas estátuas no estilo do Giger.' Mas eu não quero lançar nada até ter certeza que fiz o meu melhor.

Eu gostaria de agradecer a todos pela paciência e espero que meu árduo trabalho possa ser apreciado por todos.

:\Overclock> O ***:\Overclock> Zine*** agradece a atenção e esperamos em breve poder entrevistá-lo durante a produção de ***The 13th Hour***.

:\Teo> Certamente!

http://www.myspace.com/giantspermgod



ENEAS NETO

*Nome fundamental na história da música eletrônica no Brasil, Eneas Neto fundou e durante quatro anos esteve à frente do programa **Zensor**, transmitido no início da década de 90 pela **97 FM** de Santo André - SP. Ainda na época do **Zensor** contribuiu com o zine de música eletrônica **Absolute Control** que culminou no lançamento da coletânea homônima em vinil com representantes da cena industrial nacional e mundial daquele período. Entre seus incontáveis projetos e atividades figuram o selo **Cri Du Chat Disques** que também no início dos '90 surgiu como o primeiro selo brasileiro de música eletrônica, o portal **FiberOnline** (www.fiberonline.com.br) que abriga centenas de bandas e projetos em todas as vertentes da música eletrônica e a gravadora **Fiber Records.** É também requisitado DJ e agitador cultural tendo seu nome associado a eventos como **Machina Festival**, **Machina Redux**, **Silver Tape** e o sucesso de público **Trash '80s.** No meio dessa tumultuada agenda, Eneas conseguiu uma folga para conversar com o **:\Overclock> Zine:***

:\OverClock> Nos anos 90 era comum vermos casas noturnas e festivais abrindo espaço para shows de bandas eletrônicas. Por que hoje, mesmo com centenas de bandas e projetos (como podemos perceber no portal ***FiberOnline***) não vemos a música eletrônica subindo aos palcos?

:\Eneas> Música eletrônica está dividida em tantos segmentos hoje em dia que é difícil dizer se não está realmente nos palcos. Com minha festas, sempre levo gente pra se apresentar. Vejo também o povo do *EBM/industrial* lutando por espaços. O maior problema é o público, que perdeu o interesse em shows de bandas alternativas. Uma boa parcela também está na produção dos shows das bandas, Não dá pra simplesmente executar músicas pré-gravadas sem nenhum recurso cênico. Fica bem chato.

:\OverClock> A Fiber Records resgatou a discografia do ***Harry*** em um primoroso box, uma produção impecável que fez justiça ao trabalho da banda. Há planos de revisitar outras bandas do período?

:\Eneas> Tínhamos programado outros lançamentos, mas infelizmente o retorno não foi suficiente para mais investimentos. O mercado de CD encolheu. Faremos mais DVDs, como o do ***Neon Judgement*** ao vivo no **Machina** que deve estar chegando às lojas quando esse zine circular.

:\OverClock> Com os programas de compartilhamento de áudio digital e com bandas independentes disponibilizando seu conteúdo gratuitamente na rede, qual o papel de uma gravadora hoje? Qual sua opinião sobre o compartilhamento de arquivos de música na internet? É esse o fim ou a salvação da música independente?

:\Eneas> Gravadora tem a função de filtro, separar o joio do trigo. Perceber que algum artista pode se destacar e investir na sua produção. Pra isso precisa ter retorno e é natural que migrem para papel de agentes, já que a música poderá ser obtida gratuitamente. Eu considero como a democratização da música independente. O problema é que a gente não consegue mais dar a atenção devida a determinados trabalhos pelo volume de oferta. Mas bons ouvidos sempre garimpam pérolas.

:\OverClock> Na primeira edição do **Machina Festival** tivemos a presença de dois bastiões da música eletrônica dos anos 80 subindo ao palco, os belgas do ***Neon Judgement*** e os santistas do ***Harry***. Como andam os planos de lançamento desse material em DVD?

:\Eneas> Como falei acima, o do Neon deve estar saindo por esses dias. O do ***Harry*** não tem previsão. Vai depender das vendas do primeiro DVD da Fiber Records.

:\OverClock> Shows internacionais de bandas de grande calibre como ***VNV Nation*** acabam em prejuízo para os promotores por terem público abaixo do esperado e são uma ducha de água fria para potenciais promotores. Enquanto isso os vizinhos Chile e Argentina conseguem manter uma freqüência razoável de bons shows internacionais. O que falta na nossa cena? Divulgação? Renovação do público? Ou a esperança, a última que morre, já morreu?

:\Eneas> Falta as pessoas darem valor aos shows, não só os internacionais. Enquanto em outros lugares é fácil levar 500 pessoas pra um show internacional alternativo, aqui é um custo (literalmente) gigantesco. Eu faço e vou continuar fazendo pelo prazer. É um hobby

caro. Tem gente que prefere automodelismo, outros jetsky. Eu prefiro trazer bandas de vez em quando.

Infelizmente o ***Front 242***, após mais de um ano de negociação adiou os shows na América Latina para 2008. Isso foi um baque pra mim, mas já temos o substituto para realizar o **Machina Festival II**. E ainda deve pintar o ***Neon Electronics*** em setembro, pra lançar o DVD por aqui.

:\OverClock> Seu DJ set não se prende a rótulos, e é possível ouvir nas suas discotecagens de *EBM old school* a *Electrolash* ou mesmo - na festa Trash 80's - pérolas bregas nacionais dos anos 80, mas fora das discotecagens o que você ouve hoje?

:\Eneas> Sou muito eclético e minha formação musical como DJ (desde da longínqua década de 80) sempre permitiu essa flexibilidade, Na década de 80 um DJ alternativo tocava (e ouvia) de ***Dead Can Dance*** a ***Cramps***, de ***242*** a ***Adamsky***. Tenho preferência por boa música eletrônica mas também ouço rock alternativo, pop e música erudita. Hoje em dia tenho ouvido muito ***Simian Mobile Disco***, ***Hot Chip***, ***Digitalism***, ***VNV Nation***, ***Covenant***, ***Editors***, ***Combichrist***, ***Interpol***... Um saladão sonoro mas com um cunho alternativo forte.

:\OverClock> A **Trash 80's** começou como uma brincadeira e hoje a festa é um sucesso que ja exporta seu modelo para todo o país e tem filiais inclusive na Europa. Em que a festa reflete em suas produções mais alternativas?

:\Eneas> A **Trash 80's** foi um aprendizado pra mim. A minha concepção de "80's" era o alternativo. Nunca tive oportunidade, e mesmo vontade, de perder tempo com o lado mais kitsch e popular. Quando percebi que isso era preconceito, vi que poderia explorar um repertório popular mas com um approach alternativo. Nisso se deu o sucesso da festa. Um miscigenação sonora que enaltece o pop divertido. A festa deu tão certo que possibilitou que eu gastasse mais com meus hobbies, entre eles shows e CDs alternativos. O **FiberOnline** existe há 10 anos e, apesar de ser comercialmente viável, se beneficiou indiretamente do sucesso da **Trash 80's** também. Muitas pessoas descobriram que eu era mais do que um DJ de uma festa dos anos 80. Tem sido muito saudável.

:\OverClock> Por último, deixe uma mensagem para os leitores do **:\Overclock> Zine**.

:\Eneas> Além de todas as atividades que exerço, ainda encontro tempo pra escrever um blog. Pra quem quiser saber mais um pouco do que faço, penso e estou matutando, visite *http://eneasneto.blogspot.com.*





DEKREPTUZ

RE:DESIGN T-SHIRTS

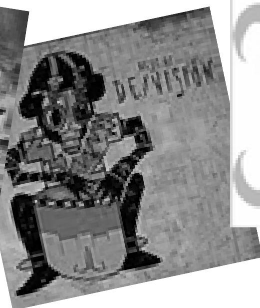
Site: http://www.dekreptuz.com - Tel: (11) 8357-8547

SINTETIQUE

THE NEW GENERATION OF ELECTRONIC MUSIC

Nesta seção o DJ Eduardo Castor traz até você alguns dos melhores lançamentos da cena eletrônica alternativa do primeiro semestre de 2007. Focado nas vertentes mais melódicas da música eletrônica, como o synth e o futurepop, Castor traz 13 indicações originalmente enviadas para a **SINTETIQUE**, uma lista brasileira onde DJs, produtores, bandas e fãs discutem sobre música eletrônica alternativa. Para entrar na lista basta enviar um e-mail para: *sintetique-subscribe@yahoogrupos.com.br*









Banda: **Angels And Agony**
CD: **Unison**
Faixa: "**Watchers**"
Estilo: **Futurepop**

A banda holandesa de futurepop Angels And Agony finalmente lançou em fevereiro seu aguardado album "Unison". Enquanto muitos acreditam que o futurepop está morto, o Angels And Agony mostrou que a mistura entre synthpop, trance, EBM e Industrial, ainda pode render ótimos resultados. O som da banda está bem mais maduro, com vários arranjos diferentes e harmoniosos, timbres grandiosos e ótima programação de Rítmo. O vocal está mais forte, mais frio e combinando perfeitamente com o instrumental. Uma produção de primeiríssima qualidade!

www.angelsandagony.com

Banda: **Cephalgy**
CD: **Moment Der Stille**
Faixa: **"Mein Versprechen (lost area rmx)"**
Estilo: **EBM**

A banda alemã de EBM Cephalgy lançou o EP "Moment Der Stille" ao final de 2006. O som do Cephalgy é puro EBM, mas a faixa 5 do EP traz um remix da banda Lost Area, que adicionou elementos góticos e arranjos futurepop. O resultado ficou excelente. Os belos arranjos de synth mais parecem uma sinfonia eletrônica, acompanhada pelo vocal pesado e bem colocado do Cephalgy.

http://www.cephalgy.de

Banda: **Funker Vogt**
CD: **Club Pilot**
Faixa: "**City of Darkness (2nd Hookline Mix)**"
Estilo: **Futurepop**

A banda alemã Funker Vogt lançou em abril de 2007 seu novo single "Club Pilot". Tradicionalmente uma banda industrial, o Funker Vogt vem surpreendendo alguns dos antigos fãs com linhas mais melódicas e vocais mais leves. "Club Pilot" é provavelmente o release mais light do Funker Vogt, com faixas bastante melódicas e totalmente voltadas para a pista, se assemelhando bastante com seu projeto paralelo Fusspils 11. A faixa "City of Darkness" é uma belíssima faixa, com a qualidade de programação já tradicional do Funker Vogt.

http://www.funker-vogt.com/

Banda: **De/Vision**
CD: **The Best of De/Vision**
Faixa: "**Love Will Find a Way Out**"
Estilo: **Modern Synth**

O De/Vision, uma das mais consagradas bandas de synth moderno, lançou no início do ano a coletânea "The Best of De/Vision", e incluiu uma faixa inédita, gravada especialmente para este CD. A nova faixa demonstra uma grande maturidade do De/Vision após passar por algumas fases difíceis, principalmente após a saída de um dos membros. A bada está consolidandonovamente o seu estilo original, lançando inclusive um album muito bom em 2006, o "Subkutan". Guardada as devidas proporções, a nova faixa "Love Will Find a Way Out" me lembrou de alguma forma "Enjoy The Silence" do Depeche Mode.

www.devision-music.de

Banda: **Technoir**
CD: **Deliberately Fragile**
Faixa: "**All In My Head**"
Estilo: **Modern Synth / Dark Wave**

A banda de electropop alemã Technoir lançou no início de 2007 seu novo album "Deliberately Fragile", após vários anos do lançamento do album "Ground Level". Mas a espera valeu a pena! O som da banda está mais maduro, com programações de altíssima qualidade e belos timbres eletrônicos. O estilo se mantém o mesmo: synthpop com um vocal feminino frio e melancólico, o que dá um toque gótico para as faixas. Difícil escolher uma faixa do album, mas "All in My Head" me chamou a atenção pela bela linha de baixo e pelos timbres dos riffs de synth, além da bela linha melódica.

http://www.technoir.de

Banda: **Assemblage 23**
CD: **Binary**
Faixa: "**Binary (Club Mix)**"
Estilo: **Futurepop**

Desde 2004 que o americano Tom Shear, responsável por toda a produção do Assemblage 23, não lançava algo novo. O novo single "Binary" foi lançado em março e precedeu o álbum "Meta" lançado recentemente. Os últimos CDs do A23 não me agradaram tanto, mas em "Binary" a banda parece estar reencontrando o "feeling" para os belos arranjos e timbres característicos de seus momentos iniciais. Enfim, o single é um dígno retorno do A23 à cena eletrônica alternativa.

www.assemblage23.com

Banda: **Engelmacher**
CD: **Birds of a Feather**
Faixa: "**All in Good Time (Reprise)**"
Estilo: **Futurepop / EBM**

O album "Birds of a Feather" foi lançado em março pela banda americana Engelmacher. Trata-se de um album que agradará bastante os que curtem música eletrônica alternativa, com faixas variando entre o industrial, dark-electro, EBM e futurepop, contendo belas linhas melódicas e ótimos arranjos de synth. A faixa "All in Good Time" me chamou atenção pela batida dançante e bela programação.

www.engelmacher.com

Banda: **Necessary Response**
CD: "**Blood Spills Not Far From the Wound**"
Faixa: "**Elements**"
Estilo: **Modern synth / Futurepop**

Passei várias semanas ouvindo o album "Blood Spills Not Far From the Wound", da banda americana Necessary Response. Já fiquei super empolgado na primeira escutada... mas poderia ser só empolgação repentina, então fui escutar uma segunda vez... gostei mais ainda... escutei de novo... gostei ainda mais...resultado, acabei ficando quase viciado neste album. O som da banda é um synth moderno com qualidade diferenciada, utilizando timbres super eletrônicos, efeitos de vocoders, phasers e reverbers, tudo muito bem dosado, além de um ótimo trabalho de edição. A masterização é ótima, pois o album tem uma qualidade sonora como poucos, onde graves, agudos, linha de baixo, batidas, vocais, enfim todos os elementos estão muito bem equalizados e equilibrados. Tudo isto é fruto da mente do americano Dave Graves, que já é conhecido na cena pelo seu projeto Aesthetic Perfection, que possui uma sonoridade mais agressiva segundo definição dele próprio. "Blood Spills Not Far From the Wound" é o melhor album que ouvi neste ano de 2007.

http://www.myspace.com/necessaryresponse

Banda: **Decades**
CD: **Secrecy**
Faixa: "**Kite**"
Estilo: **Synthpop / Electropop**

É sempre muito bom ouvir o bom e velho synthpop ainda vivo em novas bandas. A banda alemã Decades lançou em maio seu segundo album "Secrecy". O som da banda é totalmente retrô. Fãs do OMD, Soft Cell, Depeche, Kraftwerk, Alphaville e etc vão curtir muito o album. Gostei muito do vocal, me lembrando em alguns momento o Marian do Alphaville. Timbres bastante eletrônicos e fortemente baseados nos synths analógicos. Enfim... synthpop "roots" de primeira!

www.myspace.com/decadesmusics

Banda: **Essexx**
CD: **Bridges**
Faixa: "**Undercover (feat. Assemblage 23)**"
Estilo: **Electro / Modern Synth**

Em abril deste ano o Essexx finalmente lançou seu primeiro album entitulado "Bridges". Eu estava ansioso para ouvir o som do Essexx, um projeto que combina o vocal diferenciado de Sara Noxx com a excelente programação de Sven Wolff do Dust of Basement. O som é electro de primeira qualidade, em alguns momentos voltados para o electroclash e em outros momentos com uma sonoridade mais synth. Gostei muito do album, que inclui um CD bonus, com remix feito por bandas como Absurd Minds, Psyche, Dust of Basement, Culture Kultuer e etc. Foi difícil escolher a melhor música, mas a faixa "Undercover" com a participação do Tom Shear (A23) nos vocais me chamou a atenção, um belo synth moderno.

http://www.essexx-music.com/

Banda: **The Mobius Project**
Faixa: "**Statement of the Obvious (Cut n' Paste Mix)**"
Estilo: **Futurepop / Electro**

The Mobius Project é o projeto de Gustavo do Rio de Janeiro. Desde as primeiras composições da banda que já se percebia uma consistência musical, além de timbres e arranjos bem trabalhados. Os vocais também são outro ponto forte, sabendo colocar muito bem a 2a. voz como na faixa "The First Dawn". O última faixa lançada "Statement of the Obvious (Cut n' Paste Mix)" demonstra toda a qualidade da banda, com arranjos bem trabalhados, timbres bem colocados, mudanças de batida no momento certo, harmonia entre o tom do vocoder e os arranjos. Enfim um belo trabalho.

http://www.projetomobius.com/

Banda: **Morthem Vlade Art**
Faixa: "**E-Clipse**"
CD: **Uncertain Days**
Estilo: ***darkwave / synth***

O novo CD "Uncertain Days" do Morthem Vlade Art trata-se na verdade de uma coletânea com os maiores sucesso da banda francesa. A coletânea demonstra a grande versatilidade da banda, com faixas que vão desde o goth-rock do início da carrera, passando pelo synthpop, e chegando ao darkwave/ambient music, com muitos elementos do Trip-Hop. Independente do estilo todas as faixas tem grande consistência musical e artística. A banda se utiliza de vários elementos para montar seus arranjos e programações. A faixa escolhida retrata apenas uma face da banda, mesclando darkwave e synthpop.

http://morthemvladeart.chez-alice.fr/

Banda: **Sonictune**
Faixa: "**Haven Attacks**"
CD: **Tales of the Night**
Estilo: **modern synth**

O novo projeto Sonictune, criado por Alex (vocalista do Distain) e Remi (ex-programador do Psyche) lançou em julho o debut album "Tales of The Night". O som da banda é synthpop moderno, bastante melódico e com alguns elementos de futurepop. Gostei muito da programação, que é bastante consistente durante todo o album, além dos bons timbres utilizados. Não é um album para revolucionar a cena, mais é sempre muito bom ouvir novas produções de synthpop com a qualidade do Sonictune.

http://www.myspace.com/sonictune


OVERCLOCK ZINE
OVERCLOCKZINE.BLOGSPOT.COM
| musica | cinema | hq | contracultura |
THE STALKER | MODEL: ANGIE W. | PHOTOGRAPHY: WANDECLAYT.DEVIANTART.COM | © WANDECLAYT M. 2007

Vários - Retratos Subterrâneos
Rock Hard Valhalla (2007)



A coluna ***Sex, Drugs & Drum Machine*s** na revista **Rock Hard Valhalla** é a única no Brasil em uma revista impressa a dedicar-se exclusivamente à cena gótico-industrial. Foi na coluna que o jornalista *Rodrigo Helfenstein* em uma série de matérias intitulada **Retratos Subterrâneos** iniciou um raio-x da atual produção musical no cenário dark nacional. Na amostragem aparecem nomes consagrados e novos e promissores talentos que mostram que mesmo sem apoio de mídia ou grandes gravadoras o underground tupiniquim ferve sob o concreto. Filha direta da série de matérias de mesmo nome, a coletânea **Retratos Subterrâneos** é o registro sonoro dessa efervescência. Disponibilizada gratuitamente para download no formato de álbum virtual no site da **Rock Hard Valhalla**, a compilação traz 18 faixas de artistas da nova e da velha escola, varrendo do gothic metal e eletrogótico ao synthpop e industrial.

A seleção musical é caprichada e vale a pena escutar com atenção cada uma das 18 bandas selecionadas.

Sunseth Midnight faz glam gothic rock seguindo os passos de **H.I.M** e **69 Eyes**. **Elegia** está na ativa desde 1989 e tem no currículo os álbuns ***Elegia*** (2000) e ***Underworld*** (2004). Apresentou-se duas vezes na Alemanha no **Wave-Gotik Treffen**, o maior festival gótico do planeta.

Plastique Noir é uma revelação vinda de Fortaleza-CE e é uma das mais promissoras bandas do atual cenário nacional. Com uma sonoridade variando do darwave ao eletrogótico, o **Plastique Noir** lançou a pouco seu debut álbum ***Urban Requiems***, também resenhado nesta edição.

Na faixa *Faces*, do trio **Scarlet Leaves** o canto etéreo da vocalista Cláudia recobre com perfeiçao as guitarras de Audret e os teclados de Jean. mais uma boa aposta para o futuro da cena.

Laudany faz um gothic metal elaborado e competente. Apoteótico como manda a cartilha do estilo.

Bad Cock é o projeto solo de *Hansen*, vocalista e guitarrista da lendária banda eletro-rock santista **Harry**. E enquanto sua banda principal volta às origens com guitarras e bateria acústica no palco e nas novas composições, Hansen segue totalmente plugado e eletrônico em seu projeto solo. Ainda sem um registro oficial em CD, o Bad Cock comparece na coletânea com The Chosen, faixa que normalmente abre os shows da banda.

Também veteranos na cena, **Zigurate** - de Curitiba - faz pós punk competente, com sólido instrumental emoldurando a bela voz de *Patrícia Bauducko*. A faixa Becos é uma ótima amostra das atmosferas presentes no trabalho da banda.

Projeto Reinfield faz gothic rock nos bons moldes de Sister s of Mercy e seus contemporâneos. Riffs de guitarra, vocais graves, baixos marcados. A faixa Her Shadow é para quem gosta dos clássicos do estilo.

Ricardo Santos, o homem por trás do **The Downward Path** ataca por todas as frentes da música obscura. Respondendo também por projetos de doom, noise e industrial, no **The Downward Path** a receita é o darkwave beirando o synthpop, com boas linhas de baixo e teclados evidentes.

O voodoo industrial dos **Pecadores** dispensa apresentações. Quem quiser conhecer mais da banda pode ler a entrevista nesta edição.

A Industrya é o projeto solo de *Valter Sangregório,* workaholic musical que tem uma linha de montagem em série para trilhas de EBM, noise e industrial voltadas para as pistas. São centenas de faixas disponíveis deste projeto na rede. Vale colecionar.

Felizmente a coletânea é incompleta e há muito mais vida se movendo no subterrâneo além das 18 bandas amostradas aqui. Mobius Project (Synthpop/RJ), Euphorbia (Industrial/RS), Gargula Valzer (Gothic Rock/MG), Deadjump e Noxious Fraction (EBM/SP), entre outras dezenas, são nomes em franca atividade atualmente e que podem fornecer munição para uma interminável série de seqüências da Retratos Subterrâneos. Tomara que a moda pegue!

Retratos Subterrâneos

01-Sunseth Midnight (SP) - Love Chaser
02-Elegia (SP)- Butterfly
03-Plastique Noir (CE)- Those Who Walk by the Night
04-Scarlet Leaves (SP)- Faces
05-Laudany (SP)- A Cold Whisper
06-Seduced by Suicide (RS)- Our Gothic Dream
07-Imperial (SP)- Serpentes
08-Strangeways (SP)- M.H.
09-Banda Invisível (DF)- Quando as Almas se Encontram
10-Zigurate (PR)- Becos
11-Nene Altro e o Mal de Caim (SP)- Assim Disse...
12-Projeto Renfield (DF)- Her Shadow
13-Lautmusik (RS)- Eagerness is a Distorting Mirror
14-The Downward Path (SP)- Sinking (far away)
15-Bad Cock (SP)- The Chosen
16-Pecadores (SP)- Apocalipse
17-Necropolis (SP)- Reverseless
18-A Industrya (SP)- Infinite War

http://www.valhalla.com.br/site2007/retratos.html

:W:

VNV Nation - Judgement
Anachron Sounds (2007)



Matter and Form foi um álbum apenas razoável e não acrescentou muito à discografia do **VNV Nation**. Nenhum hit pegajoso, nenhuma grande revolução no som da banda... por um instante desconfiei que a banda já tivesse deixado seu trono livre para algum novo talento. A surpresa veio com o último álbum do duo. Judgement também não se propõe a reinventar o **VNV Nation** mas - por isso mesmo - consegue ser um dos pontos altos da carreira da banda. É o **VNV Nation** fazendo o que melhor sabe fazer. Melodias talhadas para ressaltar a bela voz de Ronan Harris (*The Farthest Star, Carry You, Illusion*), trilhas pulsantes endereçadas às pistas de dança (*Nemesis, Testament*), flertes com o trance (*Momentum*) e momentos atmosféricos e sombrios (*Prelude, Descent, Secluded Spaces, As it fades*).

O álbum não tem altos e baixos. Cada uma das 10 faixas de Judgement atinge muito bem os seus alvos colocando o álbum entre as obras primas da música eletrônica contemporânea e mostrando que Ronan Harris e Mark Jackson ainda têm um longo reinado a frente do trono do Futurepop.

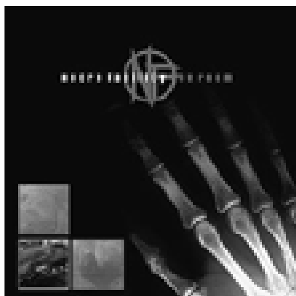
Judgement

01. Prelude
02. The Farthest Star
03. Testament
04. Descent
05. Momentum
06. Nemesis
07. Secluded Spaces
08. Illusion
09. Carry You
10. As It Fades

http://myspace.com/vnvnation
http;//www.vnvnation.com

:W:

Necro Facility - The Room
Progress productions (2007)



Sempre que acessava o site da Progress Productions, ficava curioso em conhecer o som dos suecos do Necro Facility. Menções a Front Line Assembly e principalmente a Skinny Puppy me deixavam ainda mais interessado pela banda. Nesse bombardeio de novidades, sinceramente, me esqueci de dar uma atenção ao Necro Facility. Mas o destino levou-me a deparar com o novo álbum "The Room" no estande da gravadora Noitekk no festival Wave Gothik Treffen em Leipzig. Mesmo sem conhecer o trabalho da banda, desembolsei alguns euros e comprei o CD. Por sinal, digamos de passagem, o disco vem numa suntuosidade de jewel case.

Só ontem consegui deslacrar o CD e iniciar a escuta das 10 faixas de "The Room". Desde então, não consigo parar de ouvi-lo! Estou convencido que o Necro Facility é o Skinny Puppy do século XXI. Isso mesmo! A banda resgata de uma forma inteligente a sonoridade da antológica banda canadense, levando o ouvinte a crer que está ouvindo a banda do Nivek Ogre e seus asseclas. É impossível falar do Necro Facility e de "The Room" sem destacar as faixas "Tuxedo", "Kilte", "The Box", "Circuit Breaker" e "Ragdoll", pois fazem desse álbum item indispensável na prateleira dos fãs do gênero ebm/industrial.

The Room

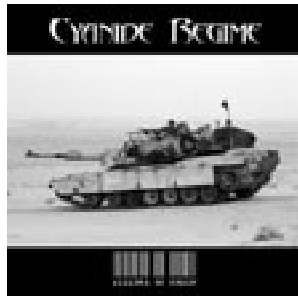
01-Fever Eyes
02-Dogma
03-Tuxedo
04Anubis
05-Kilte
06-The Box
07-Circuit Breaker
08-Dissolving Angle
09-Jigsaw
10-Ragdoll

Necro Facility:
Henrik Bäckström (Vocais e Letras)
Oscar Holter (Música)

www.myspace.com/necrofacility
www.progress-productions.com

DJ AC

Cyanide Regime - Visions Of Order
Gorestone Records (2007)



Belas melodias e arranjos primorosos são encontrados no debut album "Visions Of Order" do duo americano/colombiano Cyanide Regime. Mesmo se tratando de uma banda de electro industrial, onde predominam os vocais saturados e pesadas programações ritmicas, não obstante disso, o Cyanide Regime também optou nesse seu novo trabalho por uma simbiose dos vocais gritantes e climas densos com os belos arranjos e melodias, demonstrando para o ouvinte uma expressiva maturidade e evolução musical.

As minhas palavras e percepção de evolução do Cyanide Regime, poderão ser comprovadas principalmente nas faixas "Vanquisher","Memorial","Imperio" e "Crucificado" de "Visions Of Order" que fazem desse álbum mais um excelente lançamento no universo do estilo electro industrial.

Visions of Order

01-Rosarium
02-Vanquisher
03-Prevail
04-Die Bitch
05-Memorial
06-Imperio
07-Heartless
08-Crucificado
09-Apathy
10-The Threat
11-Revenge
12-Plegaria

Cyanide Regime:
Fernando S - Noise Analysis and Design
Natalie G - Live Synthesizing

www.cyanideregime.com
www.myspace.com/cyanideregime

DJ AC

Plastique Noir - Urban Requiems
Pisces Records (2006)



"Precisamos abrir a mente para o antigo e o novo, já que ambos andam sempre juntos." Através da citação acima, aliás, bastante utilizada pelo amigo e dj Luciano Oliveira (LOF), inicio comentário do mais novo trabalho do quarteto cearense Plastique Noir chamado "Urban Requiems".

A sonoridade da banda é uma fusão bastante inteligente do ontem, através de evidentes influencias do Bauhaus, Cure, Sisters, Mission e Nephilin, com o hoje como Diary Of Dreams, London After Midnight e Rotersand... O Plastique Noir chega até nós com muita humildade, porém com uma excelente musicalidade e profissionalismo, para uma banda que ainda nem completou dois anos de existência. É isso aí um bom undergorund nordestino em evidência !

Ouvindo o Plastique Noir lembro-me de grandes bandas Recifenses como Templo Nublado e Fator H, que despontaram no saudoso cenário gótico pernambucano nas inesquecíveis noites da boate Misty, no final dos 80's e inicio dos 90's. Agora é a vez dos cearenses do Plastique Noir, que vêm com muita vontade trazer o seu excelente goth rock / darkwave em seu segundo trabalho independente "Urban Requiems"

Urban Requiems

01-Shadowrun
02-Creep Show
03-Desire Or Disease
04-Six Feet Under
05-Killdergarten
06-Silet Shout
07-Empty Streets

Plastique Noir:
Airton S – Vocais e Programações
Márcio Benevides – Guitarra
Danyel Fernandes – Baixo e Guitarra Acústica
Max Bernardo – Teclados
Sister Hurricane – Bateria Eletrônica

www.plastiquenoir.kit.net
www.myspace.com/plastiquenoir

DJ AC

Signal Aout 42 - Transformation
Out of Line (2007)



Após mais de uma década sem lançar material algum o senhor Meurisse volta com um CD duplo recheado de faixas inéditas. Não diferente de qualquer banda que retorna depois de muito tempo esse material já divide opiniões. Mas acima de qualquer subjetividade pode se notar que Transformation continua onde o Conviction parou, desde aquela época o SA42 já trilhava um caminho mais sombrio, querendo romper as amarras com a gravadora, Disco Smash, que traçava uma rota mais comercial para a banda. Quem esperar um álbum repleto de hits dançantes ao estilo dos anos 90 obviamente se decepcionará. Porém a banda manteve o peso e a personalidade dos velhos tempos, ou seja, quem temia uma volta seguindo algum dos estilos da moda não tem com que se preocupar. A banda se manteve fiel ao seu estilo de antes, que era vendido como EBM, como new beat, talvez até como techno, mas não parecia fazer realmente parte de nenhuma cena ou estilo.

Transformation é um álbum rico no sentido de ter faixas bem variadas tanto em velocidade quanto peso. A maioria delas sombrias e às vezes melancólicas,mus com as letras esparsas de sempre, e ainda o uso de guitarra (muito bom por sinal) em algumas faixas. Cada CD desse álbum traz de bônus uma faixa oculta iniciada por 5 minutos de silêncio, Religion no CD 1 e Langemark no CD 2, ironicamente são as que eu mais apostaria como hits instantâneos.

Transformation

CD1
01-Hell Gate
02-So Beautiful
03-Misfortune To The Loser
04-Don't Worry
05-One Night In The Other Side
06-Transformation
07-Religion

CD2
01- Last Kiss
02-Arrestation
03-No Regret
04-Little Angel
05-The Last Day
06-Live Less
07-Langemark

www.myspace.com/signalaout42

RENATO Z

R.E.C Experimental - Extreme Ritual in Dead Voice
Fake Profet (2007)



Neste EP podemos perceber muita fúria e descontentamento com os paradigmas cristão e pseudo socialista que permeiam algumas sociedades. São seis faixas da mais extrema música industrial, onde predominam ritmos marciais e vocais guturais e sombrios costurados por samplers aterradores dando a este registro o necessário tempero claustrofóbico.

Vale ressaltar que esta one man band tem uma particularidade que já é uma tendência mundial, ou seja, a migração de artistas outrora envolvidos com metal extremo (especialmente black Metal) para a música industrial ou dark ambient. Um exemplo clássico é o conhecido artista de "Mortiis" ex baixista da banda Emperor que em sua carreira solo mergulhou no universo da Majestic dark music e mais recentemente flertou com o electro gótico. Da mesma forma o integrante do R.E.C Experimental foi vocalista de uma banda de Black Metal em Itú e hoje "milita" nas fileiras da industrial music...

Ressalto os temas "Jesus Fuck" e "March and Die" , mas todas as faixas demonstram grande força e podem agradar as pessoas com tímpanos mais calejados.

Extreme Ritual in Dead Voice

01-Jesus Fuck
02-Rot is Good
03-Die "Father" you Bastard
04-March & Die
05-Comunist PIG
06-Atomic Holocaust

www.myspace.com/recexperimental

MAXX

Engelmacher - Birds of a Feather
Anachron Sounds (2007)



Birds Of A Feather é o debut do duo Americano ***Engelmacher***.

O álbum traz 8 excelentes faixas numa inteligente simbiose entre EBM, Dark Electro e Industrial. Certamente é um trabalho que agradará a maioria dos aficionados por música eletrônica underground.

O que mais me chamou a atenção no Engelmacher, além da excelente produção e bom gosto dos arranjos e timbres, é que a banda não se prende na formula dos vocais saturados, característica tipica da maioria das bandas de Dark Electro e Industrial. Faixas como *By Pass*, *Useless Gestures*, *Thrust* e *All In Good Time (Reprise)* é um exemplo nítido de versatilidade no quesito voz, chegando até lembrar o vocal do sueco Eskil Simonsson do Covenant!

Parabéns ao Michael e sua bela Natalie pelo resultado desse grandioso trabalho e espero que os leitores do Overclock tenham a oportunidade de ouvir “Birds Of A Feather”.

Birds of a Feather

01 - Retribution
02 - Circumstance
03 - Bypass
04 - Useless Gestures
05 - Thrust
06 - Birds Of A Feather
07 - All In Good Time (Reprise)
08 - Engelmacher

Engelmacher:
Michael (Voz, Synths, Produção e Live Synths)
Natalie (Live Synths)

www.engelmacher.com
www.myspace.com/engelmacher

DJ AC

Virtual Victim - Opfer EP
Independente (2006)



Mais uma interessante banda alemã começa a aparecer no cenário underground eletrônico, dessa vez se trata do ***Virtual Victim*** da cidade de Bielefeld.

Com uma sonoridade bastante melódica, dançante e com uma saturação nos vocais não tanto acentuada, Mr.Chris vem ao longo de 2 anos aperfeiçoando e amadurecendo o som de sua banda. A prova desse engrandecimento musical está no novo trabalho do ***Virtual Victim*** chamado *Opfer EP*.

Opfer EP mostra que Chris vem se superando desde o início da banda em 2004, pois o mesmo busca sempre diversificar o som do ***Virtual Victim*** não se prendendo em gêneros e sim fazendo deles uma referência para o seu som.

Portanto, quem realmente curtir musica eletrônica underground livre de clichês, busque ouvir rapidamente o ***Virtual Victim*** e o *Opfer EP*.

Opfer EP

01 - Intro
02 - Clinical White
03 - Away (Sonsed Mix)
04 - No Escape
05 - Fragment
06 - Killing Time
07 - Letzes Opfer 2005
08 - Feel The Devil (Eternal Nightmare)
09 - Torture
10 - Feel The Devil (Original)
11 - Torture (Eternal Nightmare)

Virtual Victim:
Chris Glass (Musica, Voz e Letras)

www.virtual-victim.de
www.myspace.com/virtualvictim

DJ AC

Plas-Tick - Herz In Polyethylen
Independente (2007)



O ***Plas-Tick*** é mais um dos projetos paralelos do ***The Dust of Basement*** e é um dos que mais me chama a atenção. Seu primeiro álbum *Herz In Polyethylen* traz nove belas faixas do mais puro synthpop moderno. São canções que vão desde hits para as pistas, como é o caso das duas versões (Maxi Version e Dust Of Basement Remix) de *Herz*, sendo que a segunda versão é mais moderada em bpm’s. Outra faixa para lá de dançante e bem no estilo ***And One*** é *Quantensprung*. *Your Dark* com sua sonoridade saudosista, também poderá ser bem-vinda às pistas. Por fim, as baladas *Find Me*, que conta com a participação de Darrin Huss (Psyche) e as belíssimas *Toy*, *Dunkle Stimen* e *Silly Dancers*, onde a linda vocalista *Birgitta Behr* (***The Dust Of Basement, Calandra***), aka *Betty Blue*, com sua incofundível voz infantil, faz seu show à parte.

Herz In Polyethylen

01-Intro
02-Herz (Maxi version)
03-Quantensprung
04-Find Me (Feat. Psyche)
05-Toy
06-Dunkle Stiemmen
07-Your Dark
08-Herz (Dust Of Basement Remix)
09-Silly Dancers

Plas-Tick:
Betty Blue (Voz, Programações e Letras)
The Bert (Vocais Adicionais)
MC Hofa (Programações e Arranjos)

www.plas-tick.de
www.myspace.com/plastickbbblue

DJ AC

Heimataerde - Leben Geben Leben Nehen
Infacted Records (2007)



Mais do que recomendado é o novo álbum *Leben Geben Leben Nehmen* do ***Heimataerde***. Não me perdôo por não ter ouvido antes essa fantástica e original banda de sonoridade obscura e pra lá de densa.

Meu primeiro contato com o ***Heimataerde*** foi de afinidade musical imediata. Além da originalidade marcante em sua musicalidade, a banda inova também em seu visual se apresentando fielmente travestida de cavaleiros templários. O ***Heimataerde*** faz uma junção inteligente da musicalidade medieval com o mais puro dark electro/ industrial, criando um climático e ao mesmo tempo pulsante e instigante.

É maravilhoso ouvir *Leben Geben Leben Nehmen*, desde a sua bélissima introdução, passando pelo hino dançante *Heimataerde* até a última faixa *In Alle Weigkeit*, que tem como convidado nos vocais, Henrik Iversen (ex-***Namnambulu*** e atualmente ***Second Decoy***). O álbum traz também Dennis Schober (***Solitary Experiments***) nos vocais da excelente *Sie Zerrt An Mir*.

A produção impecável e musicalidade ímpar tornam impossível ouvir esse álbum sem um sentimento de glória, poder, luxúrias palacianas, magia e trevas. Nunca me senti tão a vontade de escrever minha opinião sobre um trabalho como esse do ***Heimataerde***, para mim, até agora o melhor lançamento do ano de 2007.

Leben Geben Leben Nehmen

01-Introductio
02-Heimataerde
03-Brueder (Vocem Meam Version)
04-Volle Deckung
05-Vater
06-Nun Komm' Der Heiden Heiland
07-Der Eid (Introductio II)
08-Arca Memoriae
09-Sie Zerrt An Mir
10-10.000 Messerschnitte
11-Der Verfall
12-In Alle Ewigkeit

Heimataerde:

Ashlar Von Megalon

Livecrew:

Bruder Ansgar v. Hucretha
Bruder Horso
Bruder Raphael aus Nienbrügge
Bruder Nikolaus Berchovesche

www.heimataerde.de
www.myspace.com/heimataerde

DJ AC

Beati Mortui - Modus Operandi
Promo/Independente (2007)



Fazia tempo que não me deparava com novidades do cenário finlandês,que já revelou grandes nomes como Advanced Art, Two Witches e Neuroactive. Só que isso agora é passado, pois peço licença a todos para apresentar a mais nova banda de dark electro / industrial de Helsinki, representando a nova escola finlandesa eletrônica alternativa: o quarteto Beati Mortui e seu novo trabalho "Modus Operandi".

Com uma sonoridade agressiva, mas de ritmos dançantes, o Beati Mortui destaca-se pela sábia produção nos efeitos de voz, utilizados nos vocais da bela cantora Maria. Para mim, o ponto marcante da banda em "Modus Operandi".

É interessante ouvir a voz de Maria, distorcida por efeitos raivosos e demoníacos em dueto com a sua voz humana de leveza e ternura sem igual. Nesses momentos, o ouvinte pode até se imaginar no meio de um irônico duelo entre o bem e o mal, porém,acredito, sem pretensões de vitória para ambos os lados.

Beati Mortui e seu Modus Operandi com certeza serão muito bem aceitos por todos os seguidores da linha eletrônica pesada. Vale a pena conferir!

Modus Operandi

01-Don't Look Back
02-Gangraena
03-Victims Are Not We All
04-Mirror Into The Past
05-The Cancer
06-Modus Operandi

Beati Mortui

Maria (Voz)
Samy (Teclados, Programação, Produção)
Lilitha (Teclados e Programação)
Jarno (Guitarras)

www.myspace.com/beatimortui

DJ AC

\:FAST FORWARD >>

ELEGANT MACHINERY
Os suecos estão em estúdio, anunciando novo álbum após um tour pela América do Sul (que excluiu o Brasil). Especialistas em emular a sonoridade do synthpop do início dos anos '80, a banda hoje cita influências do Britpop e do Eletro deste início de século. É esperar para ver como essas influências se agregam ao estilo retrô do Elegant Machinery.

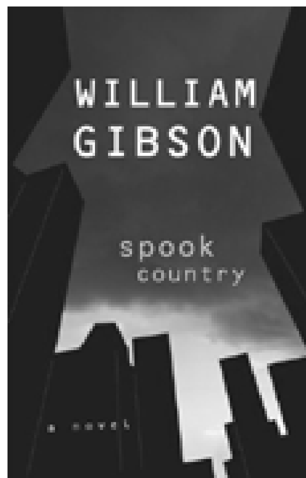
AND ONE
Após o excelente álbum Bodypop, Steve Naghavi e sua troupe lançam um disco de covers. O MCD inclui covers de Nitzer Ebb, Depeche Mode, DAF, the Cure e Front 242 além de versões ao vivo de faixas do próprio And One.

CAMOUFLAGE
O synthpop dos hits The Great Commandment e Love is a Shield sobe nos palcos argentinos no dia 25 de novembro.

DE VISION
Mais uma banda de synthpop que vem ao Cone Sul. Produtores argentinos anunciam a banda para o primeiro semestre de 2008.

FRONT 242
Primeiro nome cotado para encabeçar o Line Up do Machina Festival II, o quarteto Belga deve retornar aos palcos brasileiros somente em 2008.

COMBICHRIST
Se a revista CARAS estivesse de olho no cenário alternativo esta notícia teria sido manchete de capa: Após ressaca moral pelos ataques de infidelidade durante a tour, Andy LaPlegua entregou a senha de sua página no myspace à conjuge traída. O resultado foi um cyber-barraco: foram pro saco o layout da página e a lista de amigos da banda!!!

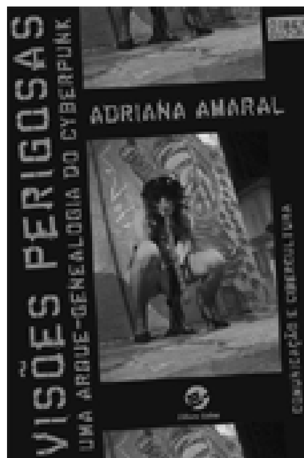


Spook Country.

William Gibson;
371 páginas.

Lançado no dia 2 de agosto no Reino Unido e no dia 7 nos Estados Unidos o novo romance do pai da literatura *cyberpunk*. Em seu romance anterior - Reconhecimento de Padrões *(Pattern Recognition)*, lançado no Brasil pela editora Aleph - William Gibson deixou de lado o futuro distópico de ***Neuromancer*** e trouxe sua fauna de desajustados sociais para o nosso igualmente distópico presente. Spook Country se passa no mesmo universo de Reconhecimento de Padrões. Para defender sua opção por ambientar o novo romance também no presente Gibson argumenta que a tecnologia atual avança a passos tão largos que o futuro se tornou imprevisível demais. Como o livro acaba de sair lá fora, a versão tupiniquim não deve chegar tão cedo nas nossas livrarias. Pra quem não aguentar esperar e estiver disposto a decifrar dezenas de neologismos e gírias do último minuto, a edição original sai por **US$ 15,75** na *Amazon.com*.

http://www.williamgibsonbooks.com

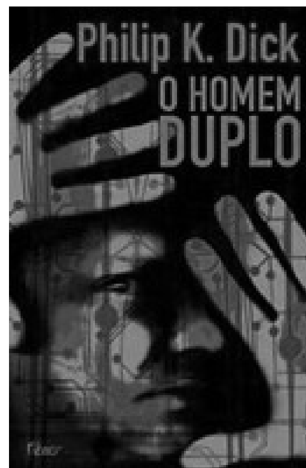


Visões Perigosas.

Adriana Amaral;
Editora Sulina.
239 páginas

Mais do que o fato de o livro ser baseado em sua tese de doutorado e na extensa pesquisa que a precedeu, o que dá legitimade a Visões Perigosas é a proximidade de Adriana Amaral com as subculturas dissecadas no livro. Além de doutora em comunicação social pela PUC RS, a jovem Adriana - ou Lady A, em suas incursões no underground - é também blogueira, jornalista, DJ e promotora de eventos alternativos. Com total conhecimento do terreno Adriana explora o universo das teorias sociais, cultura pop e literatura para analisar as estruturas e conexões dos movimentos gótico e cyberpunk, da música industrial, das influências do cyberpunk no cinema e de todo um leque de subculturas contemporâneas. E para fechar em clima cyberfetish a capa traz a modelo Angie W em foto de Wandeclayt M.
Confira as contribuições de Adriana nesta edição do :\Overclock>. O conto de horror Queimando e a coluna :\Overflow>

http://www.adriamaral.com/
http://palavrasecoisas.blogspot.com/



O Homem Duplo.

[A Scanner Darkly]
Philip K. Dick;
Editora Rocco.
308 páginas

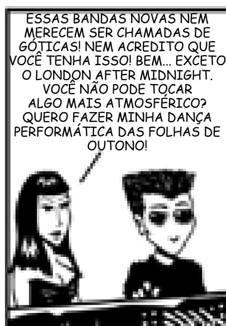
A avalanche de adaptações de trabalhos de Philip K. Dick para o cinema tem o excelente efeito colateral de motivar o lançamento de suas obras em papel por aqui. Foi assim com Minority Report (2002, de Steven Spielberg) e com o sofrível O Pagamento (Paycheck, 2003, de John Woo) e é assim com O Homem Duplo (A Scanner Darkly, 2006, de Richard Linklater). Até então a única tradução em português era a edição lusitana da obra.
Em O Homem Duplo acompanhamos a trajetória de Bob Arctor, um detetive disfarçado empenhado em descobrir a origem da Substância D, uma droga altamente viciante e de efeitos devastadores no sistema cognitivo. A historia se passa na Califórnia em um futuro próximo e mostra uma sociedade constantemente grampeada e monitorada. A invasão de privacidade é justificada pelos riscos à sociedade representados pela Substância D.
O livro baseia-se na experiência de Dick com drogas e seus personagens baseiam-se em seus amigos (hoje mortos, psicóticos ou com dano cerebral permanente, como descobrimos no posfácio).
E na carona do lançamento do DVD comemorativo dos 25 anos do clássico Blade Runner - O Caçador de Andróides, a Rocco anuncia também a reedição do livro Do Androids Dream of Electric Sheeps. Mas não informa data de lançamento.

http://www.editorarocco.com.br/

WRITHE & SHINE — ROBERT TRITTHARDT



















CDs - camisetas - DVDs - Acessórios

serafim valandro, 643-B - santa Maria - RS

THE NEON JUDGEMENT



Agora em

LIVE AT

DVD VIDEO



São Paulo - Brazil

18.11.2005





Broadway foi o cenário ideal para a antologica apresentação do duo belga Neon Judgement, deixando a platéia em estado de graça. Os clássicos obrigatórios da banda, "TV Treated", Chinese Black" e "The Fashion Party" não ficaram de fora, assim como não faltou carisma de TB Frank e Dirk Da Davo com o público brasileiro. O evento comemorou ainda o oitavo aniversário do portal FiberOnline e marcou o lançamento do selo Fiber Records.



LIVE AT



01. Intro
02. I Wish I Could
03. Miss Brown
04. Chinese Black
05. The Man
06. Nion
07. Tomorrow In The Papers
08. Too Cold To Breathe
09. The Fashion Party
10. TV Treated
11. Factory Walk
12. Concrete (It Feels So Strong)
13. The Fashion Party (Remix)

À venda a partir de
3/9/2007

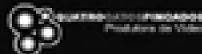
Edição limitada

Compre online pelo site
www.fibershop.com.br









fiberinteractive

OVERCLOCK ZINE

OVERCLOCKZINE.BLOGSPOT.COM

| musica | cinema | hq | contracultura |

model: moxys.deviantart.com | photo/design: wandeclayt.deviantart.com

[WANDECLAYT] [2007]

WANDECLAYT.DEVIANTART.COM

:\Overclock> ano 3 número 3 [out/nov/dez 2007]

:\Contato_Demos_Publicidade_Cartas-bomba> Chain Re-Akords CP 679, Santa Maria-RS-Brazil 97001-970
:\Email_Webzine> overclockzine@gmail.com • http://overclockzine.blogspot.com
:\Edição_Diagramação_Arte> Wandeclayt M.
:\Capa> Foto: Wandeclayt M. > Modelo: Moxys
:\Contribuíram_nesta_edição> HansenharryEBM • Calixto Bento • Luis Depeche • Marcelo MOB • Mônica Spohn • Antonio Carlos (DJ AC) • Adriana Amaral • Robert Trithardt • Elias Maroso • Damn Laser Vampires • Renato Mazokizt • Maxx Chami • DJ Castor • Vamp Depeche

:\Thankx> Marcus+Monica @ BioDiverCidade, Rodrigo Nacht, Renato+Caue+Doro@Rejekto, Silvia Lago, Wagner+Cell.

Os artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores, não traduzindo, necessariamente, a opinião do editor.
Você pode copiar, distribuir e exibir livremente este zine para fins não comerciais e preservando a integridade de seu conteúdo.
Demais usos do material aqui publicado necessitam de permissão expressa dos respectivos autores.
Um link para uma versão eletrônica deste zine, bem como para edições anteriores, em formato PDF, prontas para impressão, está disponível em www.overclockzine.blogspot.com.

Este Trabalho está licenciado sob a licença Attribution-NonCommercial-NoDerivs da Creative Commons, para ver uma cópia desta licença, visite http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.0/br/ ou envie uma carta para Creative Commons, 559 Nathan Abbott Way, Stanford, California 94305, USA.

[This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivs License. To view a copy of this license, visit http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.0/br/ or send a letter to Creative Commons, 559 Nathan Abbott Way, Stanford, California 94305, USA.]